

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA

LUIZ CARLOS MARQUES ONGARATTO

**A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO BRASIL E  
SUAS VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS NO PERÍODO DE  
2003 A 2007**

Recife – PE

2010

LUIZ CARLOS MARQUES ONGARATTO

**A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO BRASIL E  
SUAS VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS NO PERÍODO DE  
2003 A 2007**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Economia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito à obtenção do grau de Mestre. Orientador: Prof. Dr. João Policarpo Rodrigues Lima.

Recife – PE

2010

Ongaratto, Luiz Carlos Marques

A competitividade da indústria moveleira do Brasil e suas vantagens comparativas reveladas no período de 2003 a 2007 / Luiz Carlos Marques Ongaratto. - Recife : O Autor, 2010.

64 folhas : quadro, graf., abrev. e siglas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Economia, 2010.

Inclui bibliografia e apêndice.

1. Indústria de móveis – Brasil. 2. Concorrência internacional. 3. Levantamento de mercado. 4. Comércio internacional. 5. Produtividade industrial. I. Título.

339.5	CDU (1997)	UFPE
339.5	CDD (22.ed.)	CSA2010 - 059

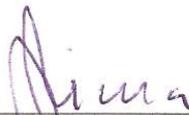
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA  
PIMES/PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA DE

LUIZ CARLOS MARQUES ONGARATTO

A Comissão Examinadora composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera o Candidato Luiz Carlos Marques Ongaratto **APROVADO**.

Recife, 08/04/2010



---

**Prof. Dr. João Policarpo Rodrigues Lima**  
**Orientador**



---

**Prof. Dr. Alvaro Barrantes Hidalgo**  
**Examinador Interno**



---

**Prof. Dr. Luís Henrique Romani de Campos**  
**Examinador Externo/FUNDAJ**

*À minha família e amigos, que incentivaram e apoiaram este desafio.*

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a competitividade da indústria brasileira de móveis, tendo como referência os Estados produtores e seus *clusters*. Além de apresentar detalhes sobre o comércio mundial e nacional de móveis e a sua representatividade para o país, este estudo faz um breve histórico sobre os arranjos produtivos e os caracteriza, dando detalhes sobre o seu desenvolvimento tecnológico e participação mercadológica.

Na primeira parte do estudo, há um breve referencial teórico para suporte e melhor compreensão das idéias expostas. Já a segunda parte, há um panorama geral da indústria moveleira no Brasil e no mundo. E por fim, na terceira parte é feita a análise de indicadores de competitividade e suas implicações para a indústria além de dados sobre o comércio de móveis.

**Palavras-chave:** Competitividade, Vantagens Comparativas Reveladas, Indústria, Móveis.

## **ABSTRACT**

This study aimed to examine the competitiveness of the Brazilian furniture industry, with reference to the producers and their clusters. In addition to presenting information about world trade and national furniture and its representative for the country, this study provides a brief history of the production arrangements and features, giving details about their development and involvement of marketing.

In the first part of the study, there is a brief theoretical framework to support and better understanding of the ideas presented. The second part is an overview of the furniture industry in Brazil and the world. And finally, the third part is the analysis of competitiveness indicators and their implications for the industry and some statistics about furniture trade.

**Keywords:** Competitiveness, Revealed Comparative Advantage, Industry, Furniture.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência...	30
QUADRO 2	<i>Clusters</i> de Móveis do Brasil em 2005.....	35
QUADRO 3	Parque de Máquinas e Idade Média.....	36
QUADRO 4	Grandes Números do Setor Moveleiro.....	45
QUADRO 5	Faturamento e Emprego na Indústria Moveleira.....	45
QUADRO 6	Quantidade de Fabricantes de Móveis por Região Brasileira.....	46
QUADRO 7	Evolução da Produção segundo a localização de empresas.....	49
QUADRO 8	Análise de Competitividade da Indústria Moveleira de 2001-2007.....	51
QUADRO 9	Análise das Vantagens Comparativas Reveladas dos Clusters Moveleiros do País no Período de 2003 - 2007.....	52
QUADRO 10	VCRS dos Estados que não Possuem Cluster Moveleiro.....	53

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 Comércio Expande as Possibilidades de Consumo.....	16
GRÁFICO 2 Produção Global de Móveis – US\$ Milhões.....	42
GRÁFICO 3 Principais Produtores de Móveis.....	43
GRÁFICO 4 Principais Exportadores de Móveis.....	44
GRÁFICO 5 Principais Importadores de Móveis.....	44
GRÁFICO 6 Evolução da Produção Segundo a Localização das Empresas (2003 = 100%)....	47
GRÁFICO 7 Comércio Exterior de Móveis do Brasil.....	48
GRÁFICO 8 Principais Estados Exportadores de Móveis.....	49
GRÁFICO 9 Principais Destinos das Exportações Brasileiras de Móveis (US\$ 1.000).....	50
GRÁFICO 10 Câmbio e VCRS do Brasil e <i>Clusters</i> de RS e SC.....	56

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CAD - Computer Added Design

CETEMO - Centro Tecnológico de Móveis

CGI - Centro Gestor De Inovação

CNC - Controle Numérico Computadorizado

COMTRADE - Base de Dados de Comércio das Nações Unidas

CS - Índice de Contribuição ao Saldo

CSIL - Centro de Estudos Industriais de Milão

DES - Índice De Desempenho

DIY - Do It Yourself

UE - União Européia

IEMI - Instituto de Estudos e Marketing Industrial

ITC - International Trade Centre

MDF - Medium Density Fiberboard

MOVERGS - Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul

OMC - Organização Mundial do Comércio

POS - Índice de Posição Relativa de Mercado

RTA - Ready to Assemble

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SECEX - Secretaria de Comércio Exterior

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UNCTAD - Conferência em Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas

VCR - Índice de Vantagens Comparativas Reveladas

VCRS - Índice de Vantagens Comparativas Reveladas Simétrico

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2-OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1-OBJETIVOS GERAIS .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2-OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3-A COMPETITIVIDADE NA ECONOMIA INTERNACIONAL.....</b>	<b>15</b>
3.1- TEORIA DAS VANTAGENS COMPARATIVAS.....	15
3.2- GANHOS DE COMÉRCIO.....	15
3.3- MODELO HECKSCHER-OHLIN-SAMUELSON.....	16
3.4- CLUSTERS.....	17
3.5 – ESTRATÉGIAS COMPETITIVAS.....	19
3.6 – A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO BRASIL–MODELOS ANALÍTICOS.....	20
<b>3.6.1 -Indicador de Vantagem Comparativa Revelada – VCR.....</b>	<b>20</b>
<b>3.6.2 - Indicador de Contribuição ao Saldo – CS.....</b>	<b>22</b>
<b>3.6.3 - Índice de Posição Relativa de Mercado – POS.....</b>	<b>22</b>
<b>3.6.4 - Índice de Desempenho – DES.....</b>	<b>23</b>
<b>4-O MERCADO EXTERNO DE MÓVEIS.....</b>	<b>24</b>
4.1-PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE MÓVEIS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	24
<b>4.1.1-Estados Unidos.....</b>	<b>24</b>
<b>4.1.2-União Européia.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1.3-Alemanha.....</b>	<b>25</b>
<b>4.1.4-Itália.....</b>	<b>25</b>
<b>5- O SETOR MOVELEIRO DO BRASIL – HISTÓRICO.....</b>	<b>26</b>
5.1-BENTO GONÇALVES – RIO GRANDE DO SUL.....	26
5.2-ARAPONGAS – PARANÁ.....	27
5.3-UBÁ – MINAS GERAIS.....	28
5.4-SÃO BENTO DO SUL – SANTA CATARINA.....	29
<b>6- CARACTERIZAÇÃO DOS SEGMENTOS DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>29</b>
6.1-ESTRATÉGIAS COMPETITIVAS PARA AS INDÚSTRIAS MOVELEIRAS.....	31
6.2-FATORES RELEVANTES PARA A COMPETITIVIDADE NO SETOR.....	32
6.3-CARACTERIZAÇÃO TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA MOVELEIRA.....	33
<b>6.3.1-Materiais Utilizados Na Produção Moveleira e a Competitividade.....</b>	<b>33</b>
<b>7-OS CLUSTERS MOVELEIROS DO BRASIL.....</b>	<b>34</b>
7.1-A TECNOLOGIA NA INDÚSTRIA DE MÓVEIS E A COMPETITIVIDADE DO SETOR.....	35
7.2-OS CLUSTERS E SUAS REALIDADES TECNOLÓGICAS.....	37
<b>7.2.1-Bento Gonçalves.....</b>	<b>37</b>
<b>7.2.2-São Bento do Sul.....</b>	<b>38</b>
7.3-A ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NOS <i>CLUSTERS</i> E TERCEIRIZAÇÃO PARA GANHOS DE COMPETITIVIDADE.....	38
<b>8-PRINCIPAIS FATORES CRÍTICOS DA CADEIA MADEIRA E MÓVEIS.....</b>	<b>39</b>
8.1-MATÉRIAS-PRIMAS.....	40
8.2-ESTRUTURA PRODUTIVA.....	40
8.3-DISTRIBUIÇÃO.....	41

<b>9 – ANÁLISE DO COMÉRCIO E A COMPETITIVIDADE BRASILEIRA NO SETOR.....</b>	<b>41</b>
9.1 - PANORAMA MUNDIAL DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS.....	42
9.2 - PANORAMA NACIONAL DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS .....	45
<b>9.2.1 - Tipos de empresas.....</b>	<b>46</b>
9.3 -COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO.....	47
<b>9.3.1 - Principais Estados Exportadores.....</b>	<b>48</b>
<b>9.3.2 - Principais destinos das exportações brasileiras de móveis.....</b>	<b>50</b>
<b>9.3.3 – Exportações brasileiras por tipo de móveis.....</b>	<b>51</b>
<b>10 – DESEMPENHO COMPETITIVO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA NACIONAL.....</b>	<b>51</b>
10.1- ANÁLISE DE COMPETITIVIDADE.....	51
10.2-IMPORTÂNCIA DOS <i>CLUSTERS</i> NA COMPETITIVIDADE SETORIAL.....	54
10.3-A COMPETITIVIDADE E A QUESTÃO CAMBIAL.....	55
<b>11-CONCLUSÃO.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>63</b>

## 1-INTRODUÇÃO

Em função da globalização, do aumento no nível tecnológico dos meios de logística e de comunicação ocorreu uma maior proximidade das economias mundiais, contribuindo para que a competitividade das empresas saísse do âmbito local ou regional para o mercado mundial, onde o país mais competitivo em um determinado setor tende a ter maiores ganhos de comércio, atraindo novas empresas para seu parque industrial e maior número de compradores para os bens produzidos, o que acaba por se refletir em um impacto sobre a produtividade de todos os países e a perda de competitividade entre as nações com condições sub-ótimas de produção.

A indústria moveleira mundial nos últimos 10 anos passou por grandes transformações e uma forte tendência de crescimento. Esse cenário foi construído com o aumento da globalização dos mercados e a migração da produção para países que possuem custos de produção mais baixos.

Este segmento da indústria é importante pelo fato de ser uma atividade intensiva em mão-de-obra, tendo um grande impacto sobre o emprego, devido à sua configuração de produção no Brasil, como veremos em detalhes posteriormente. Além deste aspecto, a cadeia produtiva do setor moveleiro possui características peculiares e uma diversidade muito grande de produtos e regionalidades bem definidas, com grandes oportunidades para o empresariado.

A União Europeia é onde se encontram os maiores clusters moveleiros, sendo assim o maior exportador, importador e mercado consumidor para este bem. A Itália é o país referência para o mercado de móveis, sendo o país mais inovador em tecnologias e design.

Os Estados Unidos também possuem uma posição de destaque mundial como grande produtor e importador, sendo este segmento um dos mais tradicionais do país, tendo como referência o estado da Carolina do Norte como maior produtor.

A Ásia, principalmente a China, vem crescendo a cada ano a sua produção, tanto para atender à demanda interna de sua população, quanto para as exportações. Porém este país possui estratégias de custos de produção menores, o que pode estar causando a perda de mercado e competitividade de outros países.

A América do Sul é a 4ª maior região produtora e grande consumidora de móveis, sendo o Brasil o país de maior destaque, com exportações em torno de US\$1 Bilhão, segundo dados do Aliceweb em 2007.

A indústria moveleira do Brasil é um setor importante para a economia pelo fato de empregar mais de 230 mil pessoas em 14,4 mil empresas localizadas em todas as regiões do país, de acordo com dados da RAIS e Ministério do Trabalho e Emprego.

A produção de móveis no Brasil é caracterizada pela existência de *clusters*, os quais são grandes centros produtores e atraem investimentos e uma infra-estrutura específica para a atividade nos mais diversos segmentos, que vão desde fornecedores até o cliente final.

A região Sudeste, apesar de ser a localização para a maior parte das empresas, tem pouca relevância nas exportações, porém a região Sul tem o maior número de empresas exportadoras, sendo Bento Gonçalves/RS a principal cidade-cluster do país, seguida por São Bento do Sul/SC e Arapongas/PR.

O Brasil figura como o 20º colocado nas exportações mundiais de móveis, obtendo 1,2% do mercado internacional, segundo dados do ITC – International Trade Centre, baseado nos dados da COMTRADE. Ainda possui uma posição de destaque na América do Sul, onde é responsável por quase toda a produção da Região. Tem um bom posicionamento entre os principais países exportadores, além de ter saldos superavitários no comércio exterior de móveis: em 2007 foi em torno de US\$ 700 milhões em uma exportação de quase US\$ 1 bilhão, segundo dados do IEMI.

O comércio exterior do país vem crescendo. Do ano 2000 para o ano de 2007, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as exportações brasileiras mais que dobraram, devido a fatores, como por exemplo, o câmbio, o qual tornou mais barato o preço dos móveis brasileiros no exterior principalmente nos anos de 2002 a 2004, o que impulsionou a entrada destes produtos em mais mercados.

A atual política macroeconômica brasileira, com juros elevados, tem atraído grande volume de capital especulativo para o país, o que acabou por provocar uma queda da taxa de câmbio, o que pode ser um fator determinante da competitividade da indústria brasileira a nível nacional e internacional, principalmente, quando se considera que outros fatores essenciais e estruturais ao seu desenvolvimento, tais como a falta de infra-estrutura, o custo das operações logísticas, a alta tributação e a legislação trabalhista, que inibe a criação de novos empregos, não lhe conferem condições de disputar o mercado internacional.

As manufaturas intensivas de trabalho como têxteis, calçados, brinquedos e móveis, são exemplos de indústrias que mais sofrem impactos negativos com esta valorização do câmbio e crescimento das importações.

Infelizmente, houve algumas limitações neste estudo, devido à escassez de informações sobre os *clusters* moveleiros quanto à sua origem e desempenho competitivo. Muito dos trabalhos e artigos consultados fazem apenas um diagnóstico setorial, comentando apenas as configurações atuais e os dados de comércio, não se preocupando em demonstrar como o arranjo produtivo se estabeleceu e se tornou um caso de sucesso no mercado mundial. Além disso, a maior parte da literatura sobre este setor já se encontra defasada e é bastante restrita à problemáticas muito semelhantes e faziam sempre referência aos mesmos autores a base de dados sem atualizações.

## **2-OBJETIVOS**

### **2.1-OBJETIVOS GERAIS**

Estudar a competitividade das exportações da Indústria brasileira de Móveis e de seus *clusters*, através da análise de sua organização e cálculo de índices que retratam as vantagens comparativas relevadas e o desempenho do país no período de 2001 a 2007.

### **2.2-OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Analisar o consumo mundial e concorrência global.

Estudar a competitividade da indústria de móveis do Brasil.

Averiguar a competitividade dos *clusters* moveleiros através de suas vantagens comparativas reveladas.

Verificar quais são as diferenças de competitividade das empresas localizadas nos grandes clusters e nos demais estados produtores do Brasil.

### **3-A COMPETITIVIDADE NA ECONOMIA INTERNACIONAL**

#### **3.1- TEORIA DAS VANTAGENS COMPARATIVAS**

Em 1817, David Ricardo desenvolveu um conceito chamado Vantagem Comparativa, o qual é um modelo de comércio internacional que leva em consideração somente as diferenças de produtividade do trabalho, conhecido como modelo ricardiano. (KRUGMAN, 2005)

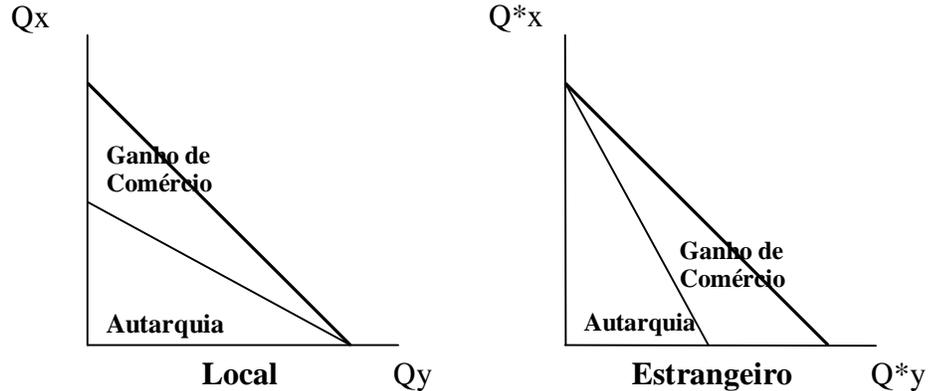
A fundamentação deste modelo se dá em termos de custos de oportunidade, onde dois países produzem dois bens distintos, porém cada um com sua produtividade. Havendo diferenças nestes valores, um país possui vantagem comparativa em relação a outro quando consegue produzir um determinado bem a um custo menor em relação ao outro bem, comparado com o país estrangeiro.

Segundo Krugman (2005, p.8) “Essa diferença entre custos de oportunidade permite um rearranjo mutuamente benéfico da produção mundial”, ou seja, ambos os países tendem a ganhar se rearranjarem sua produção, procurando produzir o bem que possua vantagens comparativas, o que aumenta o tamanho da economia mundial e aumenta o bem-estar de cada indivíduo.

#### **3.2- GANHOS DE COMÉRCIO**

Para complementar o conceito anterior, os países com produtividades do trabalho distintas obtém Ganhos de Comércio devido à sua especialização nos bens que possuem vantagens comparativas (KRUGMAN, 2005)

Desta forma, com o comércio internacional, o bem-estar da população aumentará, pois cada indivíduo poderá consumir uma quantidade maior de bens. Antes do comércio, um país não poderia consumir além de sua fronteira de possibilidades de produção, porém houve ganhos de comércio, trazendo benefícios tanto para o país local quanto estrangeiro.



Fonte: Krugman 2005. Adaptação do autor

**GRÁFICO 1** - Comércio expande as possibilidades de consumo

### 3.3- MODELO HECKSCHER-OHLIN-SAMUELSON

O modelo HECKSCHER-OHLIN-SAMUELSON - H-O-S - relaciona a especialização e o comércio com as diferenças entre países na dotação de fatores de produção como o capital e o trabalho. Especificamente, a vantagem comparativa neste modelo resulta de diferenças nas dotações relativas de fatores entre países e diferenças nas intensidades relativas de fatores entre indústrias.

Este modelo considera dois bens, dois países e dois fatores (trabalho e capital). Os pressupostos do modelo consideram países idênticos, exceto nas dotações relativas de fatores (ou seja, as mesmas preferências e tecnologia). Ambos os países produzem ambos os bens e a produção de ambos os bens utiliza ambos os fatores, que se movem livremente entre os sectores, mas não entre os países. Este modelo gera algumas proposições importantes.

A primeira é o teorema de Heckscher-Ohlin, segundo o qual cada país se especializa e exporta o bem cujo processo produtivo seja utilizado de forma relativamente intensiva o fator de produção relativamente mais abundante.

A segunda proposição gerada é o teorema de Stolper-Samuelson, que mostra quem ganha e quem perde quando há abertura de um país ao comércio. Segundo este teorema, quando o preço relativo de um bem se reduz, a remuneração real do fator utilizado intensivamente na sua produção também se reduz. Assim, a resposta é que o fator relativamente abundante ganha e o fator relativamente escasso perde. Ou seja, a equalização da remuneração dos fatores de produção

poderia também ser dar por meio do comércio internacional de bens. (KRUGMAN e OBSTFELD, 2005).

### 3.4- CLUSTERS

A capacidade de um país competir no mercado está muito ligada à forma de organização das empresas em seu território, ela pode ser decisiva no momento em que decidirem pela expansão de suas vendas através da exportação, onde a competição passa a ser muito mais global do que somente regional, como no caso de um país como o Brasil, caracterizado por ter saldos superavitários em diversos setores, inclusive o estudado neste trabalho.

No início da década de 1990, Michael Porter desenvolveu uma teoria sobre esta organização, analisando a sua capacidade competitiva e o agrupamento de empresas, denominando-a de *cluster*. O mesmo é reconhecido por ser um grande estudioso da competitividade e estratégias de empresas.

O mapa mundial é caracterizado pelos *clusters*, que são definidos:

“[...] uma massa crítica localizada em um determinado lugar, com indústrias relacionadas e com instituições que vão desde fornecedores e universidades, até agências governamentais, os quais criam um sucesso incomum na competitividade do local [...]” (Porter, p.77, 1989)

O *cluster* afeta a competitividade em diversas maneiras, ele aumenta a produtividade das companhias dispostas naquela área, dá um direcionamento maior nas ações e incentiva a inovação, além de estimular negócios dentro da própria região, onde as proximidades geográficas, culturais e institucionais, fornecem um acesso diferenciado à informação, relações mais próximas e mais atração de incentivos governamentais.

Outro ponto importante para ser analisado é que a locação do cluster deve levar em conta, principalmente os custos tanto de mão-de-obra, quanto da logística de transporte para escoamento da produção.

Um aspecto curioso da teoria de clusters segundo Zacarelli (2008. p. 5) é que “Porter, procurando pela vantagem competitiva das nações, achou vantagem competitiva de cidades (onde existiam os clusters de negócios)”. Com esta afirmação, podemos afirmar que a competitividade pode ser criada ou potencializada com a criação de ambientes favoráveis.

Os *clusters* geram grandes impactos na competitividade em diversos aspectos diferentes, cada uma de suas características gera efeitos positivos tanto nos custos globais quanto no relacionamento com o cliente.

A concentração geográfica atrai mais clientes, diluindo as despesas específicas para este fim, e o que permite que os mesmos tenham um poder de escolha maior o que resulta numa confiabilidade mais sólida na questão dos preços.

A abrangência de negócios juntamente com a especialização das empresas permite que se tenham estoques menores e tempo de reposição menor, devido à proximidade com fornecedores. Além da redução de despesas agregadas de operação e do investimento necessário por causa da complementaridade das diversas fábricas da região.

Outra característica do cluster é a tecnologia. Há uma uniformidade do nível tecnológico, onde a mesma é transferida para os demais negócios, além de haver um estímulo para o desenvolvimento no intuito de evoluir cada vez mais, tornando-se um sistema mais competitivo. Esse círculo virtuoso ainda é observado com a própria seleção natural que o cluster faz, sobrevivendo as empresas mais produtivas, pois os concorrentes estão trabalhando ao seu lado, muitas vezes.

Portanto, este sistema dá uma posição privilegiada perante concorrentes da indústria mundial. Estas cidades-clusters concentram grande parte da produção e dominam as exportações do país para o mercado global, forçando sempre um aumento de produtividade para aumentar a competitividade global através de sua própria força de reconstrução e inovação.

A Teoria de *Clusters* está ligada às Teorias anteriormente apresentadas, pois as mesmas tratam da especialização da produção para a expansão do comércio exterior. Esta possibilita ganhos de bem-estar para a população, que pode consumir mais, porém com um preço relativo mais barato. Os *Clusters* permitem criar um ambiente mais competitivo, onde sejam potencializados estes benefícios através da consolidação de uma indústria em um determinado local que possui vantagens na produção de um determinado bem, podendo essas ser em insumos, capital ou trabalho.

### 3.5 – ESTRATÉGIAS COMPETITIVAS

Uma indústria, para criar uma posição defensável, deve possuir uma estratégia para posicioná-la no mercado. Michael Porter em 1980, desenhou três estratégias genéricas para a indústria: Liderança no Custo Total, Diferenciação e Enfoque.

A Liderança no Custo Total segundo Porter (2004, p.37) consiste em atingir a mesma por meio de “um conjunto de políticas funcionais orientadas para este objetivo básico”. Onde deverão ser construídas instalações com escala eficiente, e reduções de custos constantes, devido à experiência.

Já a Diferenciação é a criação de um produto que seja único no mercado. Esta pode ser através da marca, tecnologia, peculiaridade, serviços sob encomenda, rede de fornecedores. (PORTER, 2004).

Vale ressaltar que esta estratégia não ignora os custos, porém não é o principal enfoque da empresa. A fidelização do cliente é um dos principais objetivos desta forma de posicionamento da indústria, podendo se dar através da peculiaridade de um produto e a dificuldade de comparação a um produto similar, o que torna o cliente menos sensível ao preço e permite a aplicação de margens maiores pela empresa.

E por fim, há a estratégia de Enfoque ou Nicho, onde se foca um determinado público consumidor, podendo enfatizar um grupo comprador, um segmento da linha de produtos, ou um determinado mercado geográfico.

Segundo Porter (2004, p.40) esta estratégia pousa na premissa de que a empresa é capaz de “atender seu alvo estratégico estreito mais efetiva ou eficientemente do que os concorrentes que estão competindo de forma mais ampla”.

Portanto estas estratégias são importantes para uma indústria definir como vai se posicionar no mercado a fim de competir em âmbito regional e global, desfrutando de suas vantagens na produção de um determinado bem.

### 3.6 – A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA MOVELEIRA DO BRASIL – MODELOS ANALÍTICOS

Este estudo parte do suposto de que as empresas localizadas em *clusters* são mais competitivas e possuem indicadores de vantagens comparativas reveladas elevados, além de possuir mão-de-obra mais qualificada, em relação às demais regiões brasileiras.

Os panoramas analisados possuem diferentes fontes como o Centro de Estudos Industriais de Milão – CSIL, o Instituto de Estudos e Marketing Industrial – IEMI, Secretaria de Comércio Exterior – SECEX, Organização Mundial do Comércio – OMC, Trademap, a qual é uma base de dados de comércio do Centro de Comércio Internacional, desenvolvida pela Conferência em Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas - UNCTAD e OMC.

Para os cálculos dos índices e construção de tabelas serão utilizados os grupos 9401 e 9403 do Sistema Harmonizado – SH, que se referem a móveis, assentos e suas partes, estando assim, alinhado com publicações setoriais da Indústria de Móveis, as quais excluem as demais SH's, que se referem a móveis hospitalares e ortodônticos, sendo estes dados retirados dos Sistemas Aliceweb, do MDIC e do ITC – International Trade Centre, o qual é baseado nos dados da COMTRADE.

Este trabalho terá como base os indicadores de Vantagem Comparativa Revelada, Contribuição ao Saldo, Índice de Posição Relativa de Mercado e Índice de Desempenho, os quais serão demonstrados a seguir.

Outro ponto trabalhado são as bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego, como a RAIS, as quais poderão dar uma visão do empregado da indústria de móveis em cada região e estado do país, onde poderemos compará-los com os estados que possuem e os que não possuem *clusters*.

#### **3.6.1 -Indicador de Vantagem Comparativa Revelada - VCR**

Em 1965, Bela Balassa publicou um artigo, usando pela primeira vez a mensuração da Vantagem Comparativa Relevada – VCR. Desde então, este indicador vem sendo aplicado em diversos estudos como medida de especialização no comércio internacional.

A VCR consiste em demonstrar a distinção entre a demanda por importações de um determinado setor da economia de um país, por sua demanda geral por bens, e o desempenho

específico de um país e o da demanda mundial, o que elimina a dupla contagem de setores e de países nos fluxos comerciais (ver Holland; Xavier, 2005; Vollrath, 1991).

Este indicador é calculado da seguinte forma:

$$VCR = \frac{\frac{X_k^{\text{país}}}{X_T^{\text{país}}}}{\frac{X_k^{\text{mundo}}}{X_T^{\text{mundo}}}}$$

Onde:

VCR = Vantagem Comparativa Revelada

$X_k^{\text{país}}$  = exportações do grupo setorial k pelo país i;

$X_k^{\text{mundo}}$  = exportações mundiais do grupo setorial k;

$X_T^{\text{país}}$  = exportações totais do país i;

$X_T^{\text{mundo}}$  = exportações mundiais totais.

Portanto, se o país i possuir vantagem comparativa no setor k em relação à economia mundial (ou qualquer outra referência como blocos econômicos, por exemplo), o indicador será superior a 1 ( $VCR > 1$ ). Caso o país não tenha vantagem competitiva, o indicador será menor que 1 ( $VCR < 1$ ).

Porém o indicador VCR possui uma restrição estatística grave, pois seus resultados são assimétricos, o que pode gerar valores entre 0 e  $\infty$ . Diante desta problemática, , propuseram uma resolução para a assimetria do índice, definindo intervalos de referência entre -1 e +1, com valor médio em zero, tornando assim o índice simétrico (Holland; Xavier, 2005). Como podemos ver a seguir:

$$VCRS = \frac{VCR - 1}{VCR + 1}$$

No entanto, para que tal índice cumpra com sua função, deve ser requerido que os fluxos de comércio não sejam afetados por fatores que interfiram e desvirtuem o comércio internacional, tais como: subsídios, tarifas alfandegárias diferenciadas entre os países, barreiras fitossanitárias,

quotas de importação, entre outros. Apesar deste índice descrever padrões de comércio, o mesmo não possibilita afirmar se estes são ótimos ou não. (HIDALGO, 1998)

### 3.6.2 - Indicador de Contribuição ao Saldo - CS

Na década de 1980, o Centro de Estudos Prospectivos em Informações Internacionais (CEPII – França) desenvolveu um outro indicador para mensurar as vantagens comparativas baseado nos saldos comerciais e não apenas em fluxos de exportações. Este indicador foi denominado de Contribuição ao Saldo – CS.

O mesmo expressa as vantagens relativas dos países de seus diferentes setores, ou seja, um país com abundância em capital deve possuir saldo comercial positivo nos setores intensivos em capital, o mesmo vale para países com setores intensivos em trabalho ou recursos naturais.

O indicador CS é definido por:

$$CS = \frac{1000}{PIB_i * (S1 - S2)}$$

$$S1 = 100 * \frac{X_k - M_k}{X_i - M_i} \quad S2 = 100 * \frac{X_i - M_i}{X_k + M_k} * \frac{X_k + M_k}{X_i + M_i}$$

Onde:

$X_k$  = exportações do setor k efetuadas pelo país i

$M_k$  = importações do setor k efetuadas pelo país i;

$X_i$  = exportações totais do país i;

$M_i$  = importações totais do país i.

Sendo assim, um país apresentará vantagem comparativa em um setor quando o indicador CS for positivo ( $CS > 0$ ), caso não possua vantagem comparativa, o indicador será negativo ( $CS < 0$ ).

### 3.6.3 - Índice de Posição Relativa de Mercado - POS

Lafay, na década de 1990, desenvolveu um indicador de contribuição ao saldo comercial baseado em um estudo do Balassa de 1966. O mesmo foi denominado de Índice de Posição Relativa de Mercado – POS, onde compara o comércio de diferentes setores de um país sobre

uma base comum. Segundo Lafay (1990), o indicador pondera sobre o percentual que representa o comércio de um setor de um país, dentro do seu comércio total.

O POS é interpretado como o superávit ou déficit comercial de um setor em termos relativos, pois ele demonstra a contribuição do setor para o saldo da balança comercial do país, devendo o mesmo ser superior a zero, quando um país demonstra vantagens comparativas neste segmento.

O índice POS é definido por:

$$POS_{ik}^n = 100 * \frac{X_{ik}^n - M_{ik}^n}{W_k^n}$$

Onde :

$POS_{ik}^n$  = Posição Relativa no Mercado,

$X_{ik}^n$  = valores exportados do produto k, do país i no tempo n,

$M_{ik}^n$  = valores importados do produto k, do país i no tempo n,

$W_k^n$  = valores exportados + valores importados pelo mundo do produto k no tempo n.

### 3.6.4 - Índice de Desempenho - DES

Na década de 2000, o CEPII desenvolveu mais um indicador para medir a competitividade de um país através das vantagens comparativas em um determinado mercado, o qual foi denominado Índice de Desempenho – DES. Este permite uma análise sobre a evolução do comércio mundial para um determinado produto, avaliando se um país perdeu ou ganhou espaço no mercado, neste estudo o mercado analisado será o mundial.

O índice DES é definido por:

$$DES_{ij}^{kt} = \frac{I}{t - t_0} \left[ V_{ij}^{kt} - V_{ij}^{kt_0} * \frac{\sum_i V_{ij}^{kt}}{\sum_i V_{ij}^{kt_0}} \right]$$

Onde:

$DES_{ij}^{kt}$  = Índice de desempenho

$t_0$  = tempo de referência sobre o qual se quer comparar o desempenho da região

$t$  = tempo sobre o qual se está buscando o seu desempenho em relação a  $t_0$ ,

$V_{ij}^{kt}$  = valores vendidos da região  $i$  para a região  $j$  no período  $t$ ,

$V_{ij}^{kt_0}$  = valores vendidos da região  $i$  para a região  $j$  no período  $t_0$ ,

$\sum_i V_{ij}^{kt}$  = somatório dos valores vendidos da região  $i$  para a região  $j$  nos períodos  $t$ ,

$\sum_i V_{ij}^{kt_0}$  = somatório dos valores vendidos da região  $i$  para a região  $j$  no período  $t_0$ .

O índice DES demonstra o desvio que ocorre entre as exportações realizadas do produto  $k$ , no período  $t$ , de uma determinada região  $i$  para uma outra região  $j$ , e o que elas teriam sido se a região tivesse permanecido com a mesma participação no mercado registrada no período  $t_0$ .

Desta forma, se o país apresentar resultados maiores que zero, isto significará que o seu desempenho é superior ao que ele tinha no ano-base; caso contrário, ou seja, se o sinal for negativo, ele apresentará um desempenho inferior.

## 4-O MERCADO EXTERNO DE MÓVEIS

A indústria mundial de móveis, até a década de 1950, tinha características bem tradicionais, constituída por pequenas empresas e voltadas a atender exclusivamente o mercado interno de cada país.

A partir dos anos 50, a indústria de móveis da Dinamarca, começou a se voltar para o mercado externo, sendo a primeira neste comércio. Porém, o volume das exportações teve um acréscimo significativo a partir dos anos 70, com a Itália, com altas taxas de crescimento. (SANTOS et al., 1999).

### 4.1-PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DE MÓVEIS E SUAS CARACTERÍSTICAS

#### 4.1.1-Estados Unidos

Os Estados Unidos possuem uma indústria com aproximadamente 4.000 empresas, em diversas áreas do país, porém cerca de 35% das mesmas estão concentradas na Carolina do Norte. A maioria das indústrias dessa região é de móveis residenciais, o mais importante segmento para o mercado americano.

O segundo maior segmento são os móveis para escritório, que incluem móveis tipo funcional, e também móveis “prontos para montar”, que possuem uma demanda crescente (GORINI, 1998).

#### **4.1.2-União Européia**

Os principais países produtores da UE são a Alemanha, Itália, França, Reino Unido e Espanha, que respondem pela maioria da produção e exportação do continente. (GORINI, 1998).

Na UE existem dois modelos de produção bem diferentes: o modelo alemão, onde a maioria das empresas é de médio e grande porte com vantagens competitivas baseadas em economias de escala, e o modelo italiano, onde caracteriza-se pelas micro e pequenas empresas inovadoras em tecnologia e design, voltadas pra pequenos nichos, onde terceirizam grande parte de sua produção, principalmente partes e componente, devido ao seu tamanho. (SANTOS et. Al., 1999).

#### **4.1.3-Alemanha**

A indústria alemão, possui cerca de 1200 empresas e mais de 2000 oficinas especializadas, sendo assim umas das mais desenvolvidas da Europa. (SANTOS et. Al., 1999).

Porém esse mercado é estagnado, com uma tendência declinante. Apesar dos consumidores preferirem madeira sólida na composição dos seus móveis, dificilmente esta demanda é atendida, devido às restrições ambientais, sendo assim, é um grande mercado para produtos com madeira certificada. (IPT, 2002).

#### **4.1.4-Itália**

A Itália possui um dos maiores *clusters* moveleiros do mundo. Sua indústria é extremamente fragmentada, tendo em sua maioria pequenas e médias empresas.

Das 39 mil empresas de móveis, 30mil possuem até 10 operários, que são especializadas em fornecer peças e componentes para as grandes empresas. Vale ressaltar ainda que apenas 35 empresas empregam mais de 200 pessoas.

Neste país ainda possuiu um design muito característico, sendo um padrão a ser seguido pelo mercado mundial, principalmente é conhecido pela combinação de diferentes materiais como a madeira, metal, vidro, pedra e outros. (IPT, 2002).

## **5- O SETOR MOVELEIRO DO BRASIL – HISTÓRICO**

O setor moveleiro no Brasil teve seu início em três pólos, sendo a cidade de São Paulo o pólo pioneiro, juntamente com seus municípios limítrofes – Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano, na década de 50. Os pólos localizados no Rio Grande do Sul, que tem como principal cidade Bento Gonçalves, consolidado na década de 60, e em Santa Catarina, como principal cidade São Bento do Sul, década de 70, completam o complexo industrial que inicialmente atendeu ao mercado interno brasileiro e lançou as raízes para exportação brasileira de móveis. (Santos *et al.*, 1999).

Deste então estas regiões se especializaram na produção de móveis, atraindo empresas adjacentes e complementares ao setor, além de serviços, mão-de-obra especializada, centros tecnológicos, universidades e uma infra-estrutura específica para esta atividade.

### **5.1-BENTO GONÇALVES – RIO GRANDE DO SUL**

O desenvolvimento da produção de móveis no Rio Grande do Sul, mais precisamente na Serra Gaúcha, teve início no século XIX com a chegada dos imigrantes italianos e alemães, os quais já dominavam as técnicas de produção e precisavam produzir móveis para suas casas e empreendimentos locais na época.

A história da produção de móveis pode ser dividida em três fases: embrionária (até 1909), artesanal (1910 até 1954) e industrial (após 1954). (LOPES, 2008).

Na primeira fase, a produção era exclusivamente destinada para uso dos próprios moradores locais. Com o passar do tempo, os artesãos foram se especializando e construíram as primeiras oficinas de móveis. A partir deste marco, as oficinas foram se transformando em fábricas com empregados, as quais produziam móveis em série e sob encomenda, a qual caracteriza a transição para a segunda fase.

Já a terceira fase tem como principal característica a produção em grande escala e a expansão do mercado, o qual antes era apenas regional, passa a ser nacional. Neste período, ocorre a atração de grandes empresas e a criação de instituições de apoio ao desenvolvimento do setor, como por exemplo, o Centro Tecnológico do Mobiliário, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, a Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (MOVERGS), todas na década de 1980.

Portanto, observa-se que o estabelecimento da indústria moveleira na região, inicialmente se deu por questões imigratórias, onde se desenvolveu um ambiente propício para a fabricação de móveis com o passar dos anos, com atração de grandes indústrias, criação de entidades de apoio e a consolidação como um grande *cluster* do setor no Brasil.

## 5.2-ARAPONGAS – PARANÁ<sup>1</sup>

O pólo moveleiro de Arapongas iniciou em 1966, devido à criação de uma lei municipal que dava incentivos à produção industrial e fazia parte do Plano de Expansão Industrial do Município. (SOUZA, 1998).

Esta lei incentivava a implantação de novas indústrias e ampliação das existentes, através da doação de terrenos e concessão de isenção de impostos municipais, modificou o perfil do município de Arapongas e região.

Até então, a região de Arapongas era predominantemente rural, com grande dependência da monocultura de café, e a partir deste Plano de Expansão Industrial, a mesma se tornou um dos maiores pólos produtores de móveis do Brasil.

A partir do final da década de 1990, o Pólo Moveleiro da Região Norte do Paraná começou a traçar diretrizes para o desenvolvimento técnico, político e social de toda a cadeia, com a finalidade de atingir índices de competitividade semelhantes aos observados nos grandes países produtores. Naquela época as ações das entidades setoriais da região, agiam de forma dispersa, sem um objetivo. (Rede APL, 2006).

Como resultado deste associativismo, foram criados programas de modernização e fortalecimento da indústria moveleira, dentre eles podemos citar: SIMFLOR (Programa de Auto Sustentabilidade de Matéria-prima para o Pólo Moveleiro do Norte do Paraná); CETEC (Centro de Tecnologia em Ação e Desenvolvimento Sustentável).

Sendo assim, podemos observar que diferentemente do *cluster* do Rio Grande do Sul, o de Arapongas foi criado artificialmente através de incentivos fiscais com o objetivo de industrializar uma região onde a monocultura do café era predominante, como uma alternativa de desenvolvimento para a cidade.

### 5.3-UBÁ – MINAS GERAIS<sup>1</sup>

O pólo moveleiro de Ubá teve origem no século XIX, primeiramente com a imigração de italianos e libaneses para a cidade, aonde a principal fonte de renda vinha do cultivo de café, fumo e milho. Já no século XX, no período pós crise 1929, houve a decadência do café na região, e o fumo se tornou a principal atividade até 1960, quando entrou em crise devido a perda de qualidade do produto.(SEBRAE, 2004).

Foi então necessária a criação de novas atividades que pudessem absorver a mão de obra desempregada da região, e algumas alternativas foram pensadas, até chegarem à indústria moveleira como a mais promissora, pois já haviam pequenas oficinas de madeira e móveis, e viram na crise de produção do município, uma oportunidade de expandir sua produção, que era artesanal, para industrial.

Logo após este período, a fábrica de móveis Itatiaia se instalou na região, juntamente com o grupo Parma, o que acabou por atrair diversas empresas e indústrias do setor para a região.

Aliado a isto, um fator determinante para a competitividade da indústria moveleira de Ubá, foi a existência de ferrovias, desde o período do café, além das melhorias no fornecimento de energia elétrica e criação de novas rodovias de acesso, o que permitiu ao setor velocidade e garantia de entrega.

Com origens bem semelhantes aos demais *clusters*, Ubá viu na indústria moveleira uma alternativa para expansão das atividades econômicas, emprego e renda para a população. Ainda teve um efeito catalisador na aglomeração, que foi a vinda de um grande grupo moveleiro devido à estrutura da cidade com ferrovias, rodovias e energia elétrica.

---

<sup>1</sup> Os Estados de Minas Gerais e Paraná não serão analisados de forma mais densa neste trabalho por não possuírem Vantagens Comparativas Reveladas.

#### 5.4-SÃO BENTO DO SUL – SANTA CATARINA

A região de São Bento do Sul tem em suas origens a produção agrícola, principalmente de erva-mate, madeira e artesanato. Com o acúmulo de capital oriundo destas atividades, associado aos conhecimentos técnicos adquiridos nos países de origem dos imigrantes, principalmente alemães, a indústria moveleira da região veio a se consolidar entre 1920 e 1950. (DENK, 2002).

A estrutura industrial deste *cluster* é constituída basicamente por pequenas e médias empresas, que inicialmente tinham investimentos de base familiar e caráter artesanal. Porém após a Segunda Guerra Mundial, esta região passou a atender o mercado interno do Brasil, que estava em desenvolvimento. Neste período começaram as primeiras exportações de móveis, e a produção artesanal, passou a ser industrializada, com grandes linhas de produção de acordo com as necessidades e preferências do mercado.

A partir de 1970, com o aumento das exportações, ocorreram grandes mudanças, principalmente na modernização das linhas de produção. Neste período São Bento do Sul veio a ser a capital brasileira dos móveis, pois 60% de sua economia tinha origem na indústria moveleira (DENK,2002).

Nos anos 1980 houve uma crise, o que fez com que as indústrias da região introduzisse novas matérias-primas para manter sua competitividade, que foi o caso da utilização do *pinus*, além de produzir diferentes estilos de móveis e buscar novos mercados.

Já na década de 1990, houve uma consolidação do pólo internacionalmente, pois com a crise do Leste Europeu, os móveis de São Bento do Sul, aumentou sua participação no mercado mundial.

#### 6- CARACTERIZAÇÃO DOS SEGMENTOS DE PRODUÇÃO

Segundo a Revista da Madeira (Remade), o segmento de móveis domésticos corresponde a 60% do faturamento total do setor moveleiro do Brasil.

O segmento de móveis de escritório representa 25% do faturamento global do setor moveleiro do Brasil, havendo grande especialização e poucas linhas de produtos numa mesma unidade fabril, porém devido às exigências de mercado por uma linha completa, há a terceirização da produção, principalmente das partes metálicas e plásticas, para atender a grande demanda do mercado corporativo.

Os móveis possuem diferentes classificações, que são de acordo com seu design e funcionalidade, como vemos a seguir:

Móveis retilíneos – lisos, sem detalhes sofisticados de acabamento, com desenho simples de linhas retas.

Móveis torneados – apresentam muitos detalhes de acabamentos, misturando retas e curvas. Estes podem ser subdivididos em dois grupos: o de madeiras de lei, que é tecnologicamente mais defasado e tem um alto grau de heterogeneidade tecnológica, onde sua vantagem competitiva era representada pelo uso de madeira nativa, que perdeu a força por conta de preocupações ambientais; e o de madeiras de reflorestamento, o qual reúne a maioria dos fabricantes e estes destinam sua produção para o mercado externo, usando basicamente madeiras como o pínus.

Móveis institucionais – podem ser divididos em móveis escolares, médico-hospitalares, lazer e móveis para restaurantes, hotéis e similares. Estes segmentos são os mais complexos da indústria moveleira, pois possuem normatizações, muitas vezes, internacionais para produção, são extremamente sensíveis ao preço, por terem caráter funcional. Além disso os restaurantes e hotéis exigem uma variedade muito grande de modelos, e buscam por exclusividade, algumas vezes têm seu próprio desenho.

#### **Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência**

TIPO DE MÓVEL	PRODUÇÃO	MATÉRIA-PRIMA PREDOMINANTE	PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAL MERCADO CONSUMIDOR	GRAU DE TECNOLOGIA
Torneado	Seriada	Madeira de reflorestamento, especialmente serrado de pínus	Médias e grandes	Exportação	Alto
	Sob encomenda	Madeiras de lei, em especial serrado de folhosas	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e alta	Baixo, quase artesanal
Retilíneo	Seriada	Aglomerado	Médias e grandes	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Alto
	Sob encomenda	Compensado e aglomerado	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes média e baixa	Médio

Fonte: *Estudo da Competitividade. Elaboração: BNDES.*

#### **QUADRO 1 – Principais Características do Segmento de Móveis de Madeira para Residência**

## 6.1-ESTRATÉGIAS COMPETITIVAS PARA AS INDÚSTRIAS MOVELEIRAS

Existem algumas configurações típicas para a indústria de cada país, podendo ser essas: Diferenciação do produto, Liderança no Custo, Nicho ou Intermediária (PORTER, 2004).

A indústria italiana, devido às características expostas anteriormente, onde o design é um dos principais pontos fortes, produzindo móveis de alto padrão, e grande flexibilidade da indústria para experimentações, além da mistura de materiais como a madeira, metal e vidro, se enquadra em uma estratégia de diferenciação do produto, por possuir um modelo que permite tal mobilidade a ponto de se preocuparem basicamente com o desenho do produto e seu desenvolvimento quanto projeto, pois grande parte da produção é terceirizada.

Porém, como esta estrutura está cada vez mais com o custo de produção crescente, as empresas estão procurando parceiros para produzir em regiões com o custo de mão de obra mais barato, como a Europa Oriental, além de ter restrições ambientais menores.

Portanto fica caracterizado que as empresas menores estão perdendo mercado para os mercados de baixo custos produtivos. (GARCIA e MOTTA, 2007).

As empresas alemãs seguem outro modelo produtivo, porém a mesma tendência de subcontratação de parte e componentes para regiões de baixo custo está sendo colocada em prática. O principal mercado é de móveis para cozinha e o principal nicho atendido é de valor intermediário. As empresas são substancialmente maiores do que as italianas e trabalham com tecnologia de ponta e alto volume de produção, qualidade elevada, mas design menos desenvolvido, em comparação à Itália. (GORINI, 1998)

O setor conta com a proximidade de empresas de base tecnológica que são as responsáveis pelo desenvolvimento da tecnologia utilizada nas indústrias moveleiras, o que representa um facilitador para a atualização tecnológica. A principal matéria-prima utilizada é madeira sólida com certificação de manejo e procedência.

O modelo seguido pelas empresas dos EUA é próximo do modelo alemão de produção, onde empresas maiores realizam subcontratação de partes para diminuição dos custos produtivos. Muitas destas empresas têm procurado instalar suas fábricas em países onde há menor custo de produção; um exemplo é a Ashley Co., terceira maior produtora do mercado americano, a qual possui planta produtiva no Brasil.

As vendas externas dos EUA se concentram em móveis de metal, segmento em que é maior exportador. (GARCIA e MOTTA, 2007)

A inserção da China ocorre por preços, e configura-se como o grande expoente de crescimento no comércio internacional. Possui plantas produtivas que fabricam elevados volumes, e em comparação com o Brasil possui vantagem de ter acabamento superior, no segmento de móveis de painéis reconstituídos. A China concentra suas exportações para os EUA, sendo seu segundo maior mercado o Japão. Há um grande movimento de empresas estadunidenses abrindo unidades produtivas na China para aproveitamento das vantagens em custos. (GARCIA e MOTTA, 2007).

## 6.2-FATORES RELEVANTES PARA A COMPETITIVIDADE NO SETOR

Um marco importante para a indústria moveleira global foi a massificação do consumo. Esta nova realidade fez com que a atividade perdesse o seu caráter artesanal e que houvesse então ganhos de produtividade devido ao avanço da tecnologia na produção dos bens e também ao emprego de novas matérias-primas, além dos altos investimentos em design, principalmente pelos italianos.

As indústrias de bens de capital, que através da interação com a indústria moveleira, vem desenvolvendo equipamentos que atendem cada vez melhor, as necessidades de produção. Um grande salto tecnológico aconteceu quando houve a substituição de equipamentos eletromecânicos por máquinas e equipamentos com dispositivos microeletrônicos, como é o caso do maquinário CNC (comando numérico computadorizado), que é utilizado juntamente com sistemas CAD (Computer Aided Design). (GARCIA e MOTTA, 2007).

Estes equipamentos são bastante utilizados em países como a Alemanha, que é a maior base produtora e produz os melhores e mais desenvolvidos equipamentos do setor.

Porém, no Brasil, apesar de haverem estes equipamentos de ponta, os mesmos são utilizados somente em empresas maiores. Já nas empresas menores e grande parte das médias também, quanto a produção de móveis torneados, ainda existe elevada aplicação de trabalho manual, devido ao alto custo de maquinário. Portanto o peso da mão-de-obra no custo final é bastante relevante.

### 6.3-CARACTERIZAÇÃO TECNOLÓGICA DA INDÚSTRIA MOVELEIRA

A indústria de móveis está inserida dentro dos setores tradicionais da economia, os quais têm alguns aspectos em comum como: reduzido dinamismo tecnológico, intensidade de mão-de-obra relativamente elevada e a utilização relativamente alta de materiais de origem animal ou vegetal. (ROSA et. al., 2007).

No setor de móveis, as características acima são um pouco acentuadas, pois não possui traços associados a empresas industriais modernas, como barreiras à entrada de concorrentes de economias de escala. Ainda possui uma estrutura conservadora dentro da atual configuração produtiva, especialmente no segmento de móveis de madeira, pelo fato de a matéria-prima ser pouco propícia para a utilização de processos contínuos de fabricação, o que dificulta consideravelmente na automação e ganhos de escala.

Uma das soluções encontradas para diminuir essa deficiência foi a transferência de etapas de produção para o varejo no caso da montagem dos produtos, e para os tercerizados como a preparação e acabamento da matéria-prima, como já foi mencionado anteriormente.

#### 6.3.1-Materiais Utilizados Na Produção Moveleira e a Competitividade

A madeira tropical que já foi amplamente utilizada na produção de móveis, cedeu espaço aos novos materiais, que são o pinus e eucalipto em madeira maciça e MDF em painéis. Para utilizar esse tipo de madeira (mole), as indústrias devem adquirir equipamentos específicos para este fim. O MDF (*Medium-density fiberboard* – material elaborado com fibras de madeiras oriundas de florestas plantadas), utilizado desde a década de 70 nos EUA e União Européia, foi somente introduzido no Brasil na década de 90, com a finalidade de substituir o aglomerado e a madeira maciça nas partes aparentes dos móveis, o que possibilitou a eliminação de um processo de produção, chamado usinagem (GARCIA e MOTTA, 2007).

Apesar de ser um material mais caro, deu amplas possibilidades de acabamento e permitiu as empresas que atingiam mercados de baixo valor agregado, começassem a competir em um mercado de valor intermediário.

Uma forte tendência de mercado observada é a mistura de materiais em um mesmo produto final, procurando assim diminuir custos como, por exemplo, no emprego de materiais

mais baratos em partes não visíveis e materiais mais resistentes em partes visíveis (nos fundos utiliza-se compensado, nas laterais aglomerado e na frente MDF). Além do custo, as possibilidades de criação de modelos diferentes com a mistura de vidro, pedra, metal, couro, entre outros, permite o aumento do valor agregado e do valor percebido pelo cliente na hora da compra.

Com todas essas mudanças devido às novas tecnologias empregadas, ganhos de produtividade e da utilização de painéis de madeira, diminuíram o preço do móvel, provocando uma maior dinamização do setor, pois o ciclo de reposição passou por uma grande redução (GARCIA e MOTTA, 2007).

Um ponto importante, principalmente em países desenvolvidos, onde o custo com mão-de-obra é mais elevado, são os móveis funcionais que não exigem montadores. O design começou a ser pensado e concebido para que os próprios clientes pudessem montar os seus móveis, como é o padrão de *do it yourself (DIY e ready to assemble RTA)*.

Além disso os móveis passaram a ter que cumprir diversas funções, devido ao espaços que passaram a ser cada vez menores, portanto a vantagem competitiva do design não passa somente por questões estéticas, mas também a praticidade, diminuição do consumo de matéria-prima, manufaturabilidade com redução de tempo de fabricação e aumento da eficiência, que seja ecologicamente correto e ainda traga soluções para a vida dos consumidores. (GARCIA e MOTTA, 2007).

## **7-OS CLUSTERS MOVELEIROS DO BRASIL**

A produção de móveis no Brasil é caracterizada pela existência de *clusters*, os quais são grandes centros produtores e atraem investimentos e uma infra-estrutura específica para a atividade nos mais diversos segmentos, que vão desde fornecedores até o cliente final.

Abaixo podemos ver como está distribuída a produção nos pólos moveleiros tendo como base o ano de 2005, vemos que existem cidades que atraem muitas indústrias e que segundo Michael Porter, são as mesmas que lideram a competitividade no âmbito nacional e global.

Observa-se que a região Sudeste, apesar de ser a localização para a maior parte das empresas, tem pouca relevância nas exportações, porém a região Sul tem o maior número de

empresas exportadoras, sendo Bento Gonçalves/RS a principal cidade-*cluster* do país, seguida por São Bento do Sul/SC e Arapongas/PR.

<b>Pólos Exportadores de Móveis do Brasil</b>		
<b>Regiões e Pólos</b>	<b>Base</b>	<b>%Exportadoras</b>
<b>Norte/Nordeste</b>	<b>1.254</b>	<b>3,9%</b>
<b>Sudeste</b>	<b>6.023</b>	<b>5,6%</b>
Linhares (ES)	291	11,3%
Colatina (ES)	194	0,0%
Ubá (MG)	420	0,0%
Bom Despacho (MG)	65	0,0%
Votuporanga (SP)	194	17,0%
Mirassol (SP)	323	10,2%
Grande São Paulo (SP)	2.645	2,5%
<b>Sul</b>	<b>5.743</b>	<b>27,9%</b>
Arapongas (PR)	355	71,0%
Curitiba (PR)	452	0,0%
Bento Gonçalves (RS)	775	38,1%
Lagoa Vermelha (RS)	226	40,7%
São Bento do Sul (RS)	323	81,1%
Rio Negrinho (SC)	194	50,5%
<b>Centro-Oeste</b>	<b>757</b>	<b>0,0%</b>
<b>Total</b>	<b>14.106</b>	<b>14,1%</b>

Fonte: IEMI

## **QUADRO 2** – *Clusters* de Móveis do Brasil em 2005

### 7.1-A TECNOLOGIA NA INDÚSTRIA DE MÓVEIS E A COMPETITIVIDADE DO SETOR

Em uma definição simples, a competitividade está associada ao desempenho das exportações de um determinado setor, ou seja, a indústria é competitiva se ampliar sua participação no comércio mundial. Abrange ainda as condições de produção e demais fatores que possam estimular ou inibir as exportações. (HORTA, 1983).

A competitividade também está atrelada a fatores tecnológicos. Desta maneira, quanto mais tecnologia empregada nos produtos, maior a capacidade que a indústria tem de competir num cenário global (COELHO e BERGER, 2004).

Porém, uma peculiaridade da indústria de móveis é a existência em um mesmo parque fabril, equipamentos de diferentes gerações, como podemos ver na tabela abaixo.

Parque de máquinas e idade média					
Máquinas Instaladas	Total 2008	Até 3 anos	4 a 10 anos	11 a 14 anos	Mais de 15 anos
<b>Serrar</b>					
Destopadeira	3.778	8,0%	71,8%	7,6%	12,7%
Serra circular	13.283	6,6%	68,9%	9,8%	14,7%
Seccionador	1.536	27,2%	62,2%	4,3%	6,2%
Esquadrejadeira	9.497	11,7%	69,3%	8,4%	10,6%
Perfiladeira esquadrejadeira	1.112	21,7%	62,0%	6,0%	10,3%
Serra de Fita	9.841	8,6%	62,0%	13,5%	15,8%
Outras de serrar	2.146	20,0%	67,7%	7,7%	4,6%
<b>Lixar</b>					
Lixadeira de cinta/banda larga	9.773	16,7%	66,7%	7,9%	8,7%
Lixadeira de bordas	3.383	14,4%	75,1%	2,1%	8,4%
Lixadeira calibradora	667	13,8%	72,8%	4,6%	8,8%
Outras Lixadeiras	6.937	7,8%	89,8%	1,8%	0,6%
<b>Fazer espigas/ranhuras/fresas</b>					
Respigadeira	2.617	4,8%	55,8%	21,1%	18,4%
Tupia	11.176	6,0%	69,1%	12,6%	12,3%
CNC	787	24,1%	57,6%	10,5%	7,8%
Perfiladeira esquadrejadeira	637	13,7%	74,8%	8,4%	3,1%
Desengrossadeira	7.496	4,6%	65,0%	15,8%	14,6%
Desempenadeira	8.664	2,4%	66,3%	16,5%	14,9%
Plana de 4 faces	1.971	6,0%	80,9%	6,7%	6,4%
Outras máquinas	1.012	5,8%	65,4%	5,8%	23,1%
<b>Colar</b>					
Coladeira de bordas	2.300	25,2%	62,9%	5,0%	6,9%
Outras de colar	513	18,9%	60,4%	7,5%	17,0%
<b>Furar</b>					
Furadeira múltipla	5.280	15,1%	72,7%	5,7%	6,5%
Outras furadeiras	14.048	5,5%	81,5%	4,1%	8,8%
<b>Montar</b>					
Mesa/prensa de montagem	7.970	20,4%	60,3%	6,2%	13,1%
Outros tipos	2.724	54,4%	23,3%	22,2%	0,0%
<b>Outras</b>					
Diversas	10.261	13,2%	73,5%	2,1%	11,2%
Total de máquinas	139.419	13,5%	69,7%	6,7%	10,1%

Fonte: IEMI

### QUADRO 3 – Parque de Máquinas e Idade Média

Observa-se que apenas 13,5% do total de máquinas instaladas até o ano de 2008 têm até 3 anos de uso. Mas observa-se que devido à valorização do Real nos últimos anos os modelos de equipamentos mais modernos, como o CNC (que são de origem estrangeira), tornam-se atraentes. Este cenário, apesar de não ser favorável à exportação, possibilita o investimento e a renovação do parque de máquinas, o que trará um benefício importante para ganhos de produtividade e competitividade.

Muita dessa configuração também se deve ao caráter descontínuo da produção de alguns modelos de móveis e segmentos de produção, o que dificulta a automação do processo produtivo, pois não há padronização na matéria-prima utilizada e também da baixa padronização dos produtos.

A inovação tecnológica traz redução no uso de mão-de-obra, principalmente em indústrias onde o processo produtivo é relativamente mais contínuo, como na produção de móveis retilíneos produzidos com painéis de madeira. Apesar das inovações serem incorporadas pelas indústrias, as empresas que produzem móveis torneados ainda priorizam bastante a mão de obra, pois estes produtos possuem muitos detalhes de acabamento, e os investimentos em equipamentos poderiam tornar a atividade inviável para as pequenas empresas.

O segmento de móveis retilíneos seriados é composto por empresas de grande porte, e apresenta o maior grau de atualização tecnológica do Brasil. Já no segmento de madeira maciça, há uma heterogeneidade tecnológica maior, pois incluiu empresas modernas e também micro e pequenas empresas com trabalhos quase artesanais, sendo as primeiras voltadas para exportação e as segundas voltadas para produção sob encomenda. No segmento de móveis para escritório, a automação e processos tecnologicamente mais sofisticados são mais presentes, devido à natureza da matéria-prima, que é o metal (ROSA et. al. 2007).

## 7.2-OS CLUSTERS E SUAS REALIDADES TECNOLÓGICAS

### 7.2.1-Bento Gonçalves

O *cluster* moveleiro de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, é um dos mais importantes da indústria brasileira, sendo responsável por aproximadamente 30% das exportações brasileiras do segmento, segundo dados da SECEX.

A região de Bento Gonçalves possui o Centro Tecnológico do Mobiliário (CETEMO), o qual tem um núcleo de assessoria tecnológica, informação tecnológica e serviços laboratoriais, para, por exemplo, controle de qualidade. Ainda realiza pesquisas de tendências de mercado e promove um curso de design.

Ainda dentro do *cluster* há o Centro Gestor de Inovação (CGI), uma instituição mantida por diversas entidades, dentre elas a Movergs (Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul), Universidade de Caixas do Sul (UCS) e o SENAI, os quais têm o objetivo de gerar e organizar informações relativas ao setor.

“Um aspecto importante em termos de *design* diz respeito à indústria de acessórios e ferragens. Enquanto a indústria moveleira propriamente dita consegue acompanhar de perto as inovações surgidas na Itália e na Alemanha, o mesmo não ocorre com a produção de acessórios e ferragens, o que impede o *design* brasileiro de acompanhar o italiano, pois o *design*

depende das ferragens. Ou seja, o Brasil é mais “pobre” em acessórios em comparação com a indústria italiana e a alemã, uma vez que o acessório de melhor qualidade tem custo elevado para o padrão brasileiro”.

(ROSA et. al., 2007)

Portanto, observa-se que o *cluster* moveleiro de Bento Gonçalves está em um estágio avançado de interação e complementação entre as empresas, centros tecnológicos, universidades e entidades de classe, o que possibilita o crescimento e desenvolvimento da indústria de móveis local e cria um ambiente propício para um desempenho superior.

### **7.2.2-São Bento do Sul**

O *cluster* de São Bento do Sul, no Estado de Santa Catarina, corresponde em torno de 35% das exportações brasileiras de móveis, segundo dados da SECEX. É o principal produtor de móveis do país e também possui uma sinergia muito grande entre as empresas desta região, especializada principalmente na construção de maquinário específico para a fabricação de móveis.

A maioria dos equipamentos são nacionais, fabricados no próprio pólo, e as importações se restringem a equipamentos modernos como as máquinas CNC (Controle Numérico Computadorizado), para corte e usinagem das peças, estas máquinas provém da Itália e Alemanha.

Dentre os equipamentos produzidos em São Bento, podemos citar: lixadeiras, seccionadeiras, destopadeiras e furadeiras de tecnologia avançada. Há também na região metalúrgicas especializadas em estufas de secagem, cabines de pintura, sistemas de exaustão, entre outros equipamentos.

### **7.3-A ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO NOS *CLUSTERS* E TERCEIRIZAÇÃO PARA GANHOS DE COMPETITIVIDADE**

Os *clusters* moveleiros de Bento Gonçalves e São Bento do Sul são grandes exemplos de especialização da produção por parte das indústrias, pois trabalham em um nicho específico, ou para mercado de massa, de preços e custos baixos, ou para mercados intermediários, institucional ou até mercado de luxo.

Sendo assim, a terceirização da produção é um ponto muito forte, pois permite a mobilidade e praticidade na produção, gerando assim, ganhos com a produtividade e tornando a empresa mais competitiva.

As empresas compram a madeira já pronta, processada e colada. O torneado e a pintura são terceirizados para empresas da região, que por conta da especialização, fazem um trabalho de alta qualidade e a empresa contratante não precisa de estrutura e funcionários específicos para este fim. Quando a mesma deseja confeccionar peças que não estão dentro das possibilidades de seu maquinário, a empresa fornece a matéria-prima para um terceiro, como a madeira e o verniz, e cuida apenas da montagem do móvel em si.

Outra grande vantagem da terceirização, principalmente dos torneados, é que sua demanda é irregular, não existe um padrão de produção e a mão-de-obra é muito especializada.

Sendo assim, a competitividade nesses casos, está bastante atrelada nas compras, produtividade e condições de venda.

Apesar da indústria de móveis ainda possuir uma densidade tecnológica relativamente baixa, mesmo assim, o progresso técnico contribuiu para os padrões de competição do setor, como a redução do ciclo de vida do produto e a aceleração dos períodos de comercialização. (ROSA et. al., 2007)

## **8-PRINCIPAIS FATORES CRÍTICOS DA CADEIA MADEIRA E MÓVEIS**

A seguir veremos alguns fatores críticos da cadeia de madeira e móveis que mais impactam na competitividade da indústria, tanto internamente quanto global.

O que ocorre no Brasil é que somente em alguns *clusters* conseguimos ter um ambiente competitivo mais próximo do ideal, havendo terceirização da produção, centros tecnológicos, universidades voltadas para atender as demandas deste mercado, além de uma estrutura de governança mais sólida e mais presente, ou seja, as empresas que não estão dentro do *cluster* tendem a ser menos competitivas, serem menos desenvolvidas e menos representativas quando comparamos à economia do Estado ou Região que pertencem.

Vale ressaltar que as demais regiões, responsáveis por grande parte da produção, as empresas possuem muito mais gargalos produtivos e tendem a sentir mais o impacto da perda de competitividade do que as que estão inseridas na estrutura produtiva já mencionada.

## 8.1-MATÉRIAS-PRIMAS

Há uma dificuldade grande na introdução de novas matérias-primas por parte das empresas, devido à pequena demanda por novos materiais, e ao seu próprio baixo investimento em design, o que não permite visualizar algumas soluções criativas para atingir mais mercado e tornar o móvel mais moderno e mais prático.

Outro entrave bastante impactante dentro deste segmento é a baixa diversidade, qualidade, e oferta de insumos (madeira serrada) contribuem para a verticalização dos processos produtivos pois as indústrias passam a produzir e processar a matéria-prima até o produto final.

Madeira maciça: deficiência na qualidade e na regularidade do fornecimento, e pouca variedade explorada. Empresas que exportavam, atualmente destinam sua produção ao mercado interno, devido às exigências ambientais do mercado externo. Há falta de incentivos fiscais ao manejo florestal, e certificação.

Madeira de florestas plantadas: Faltam incentivos ao reflorestamento, e fornecedores experientes no processamento e tecnologia da madeira para o setor moveleiro. O pinus e o eucalipto possuem seu grande mercado consumidor no setor de papéis e celulose.

MDF (*Medium-density fiberboard*): muito utilizado no segmento de móveis retilíneos seriados, um dos mais modernos tecnológicos na indústria de móveis, está com oferta interna ainda restrita e a altos preços.

Chapas de aglomerados: feitos com madeira virgem, o que torna seus processos produtivos de custos muito elevados, se comparado ao exterior.

## 8.2-ESTRUTURA PRODUTIVA

Há uma elevada verticalização da produção pelas empresas, pois em um ambiente fora dos clusters, a terceirização não é uma opção viável, pois há uma baixa especialização das empresas moveleiras e uma alta pressão sobre os custos.

A informalidade do setor, inexistência de barreiras à entrada de novas empresas no mercado, dificulta a redução da heterogeneidade tecnológica da cadeia e na implementação de normas técnicas para padronizar a qualidade dos móveis.

Outro ponto é a baixa qualidade das máquinas nacionais, como equipamentos para as linhas integradas. A produção de máquinas no Brasil não acompanha o nível tecnológico dos produzidos no exterior (Itália e Alemanha), em precisão e produtividade.

Pode-se observar também os baixos investimentos em design, onde predominam cópias dos modelos do exterior. Poucas empresas possuem departamento de design constituído.

### 8.3-DISTRIBUIÇÃO

A distribuição dos moveis para o mercado externo é um grande gargalo para as exportações brasileiras de móveis. Existe a dependência de poucos canais de vendas e distribuição, os quais são os importadores atacadistas e agentes de venda. Além de restringir o acesso dos produtos nacionais, estes canais em geral impõem preço e determinam o tipo de móvel e o design, inibindo a capacidade de projeto próprio.

Em muitos casos há concorrência predatória, onde um importador encomenda o mesmo tipo de móvel a várias empresas, favorecendo o menor preço.

Um entrave na distribuição e venda no comércio exterior é a escassa tradição exportadora da indústria de móveis nacional perante os concorrentes mundiais. O Brasil ainda tem uma baixa participação no mercado mundial, o que se torna uma barreira na hora de concorrer com produtos do mesmo padrão vindos de outras localidades.

Mais um fator de baixa entrada é a pouca experiência comercial, e da falta de informação sobre oportunidades de vendas e de canais adequados de comercialização, o que vai além da capacidade competitiva do Brasil.

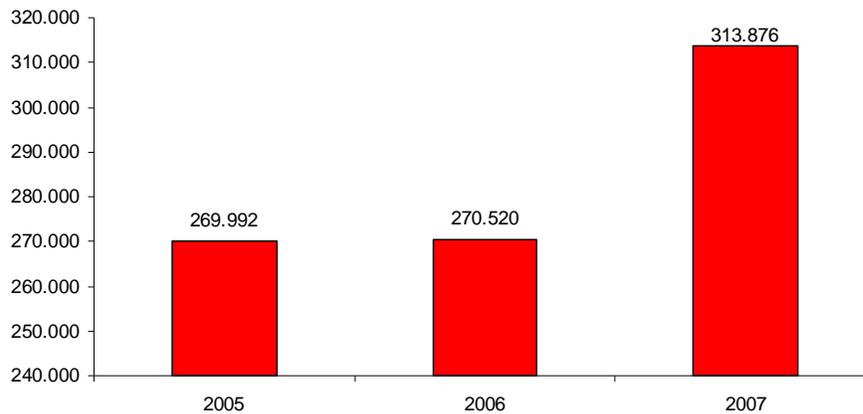
## 9 – ANÁLISE DO COMÉRCIO E A COMPETITIVIDADE BRASILEIRA NO SETOR

Os panoramas analisados a seguir possuem diferentes fontes como o Centro de Estudos Industriais de Milão – CSIL, o Instituto de Estudos e Marketing Industrial – IEMI, Secretaria de Comércio Exterior – SECEX, Organização Mundial do Comércio – OMC, Trademap, a qual é uma base de dados de comércio do Centro de Comércio Internacional, desenvolvida pela Conferência em Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas - UNCTAD e OMC.

Para os cálculos dos índices e construção de tabelas serão utilizados os grupos 9401 e 9403 do Sistema Harmonizado – SH.

## 9.1 - PANORAMA MUNDIAL DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS

A indústria de móveis é um importante segmento, a mesma movimentou mais de US\$300 bilhões, e apresentou em 2007, comparado com o ano de 2006, um crescimento de 16% segundo o Instituto de Estudos e Marketing Industrial, com base em dados do Centro de Estudos Industriais de Milão – CSIL Milano.



Fonte: IEMI

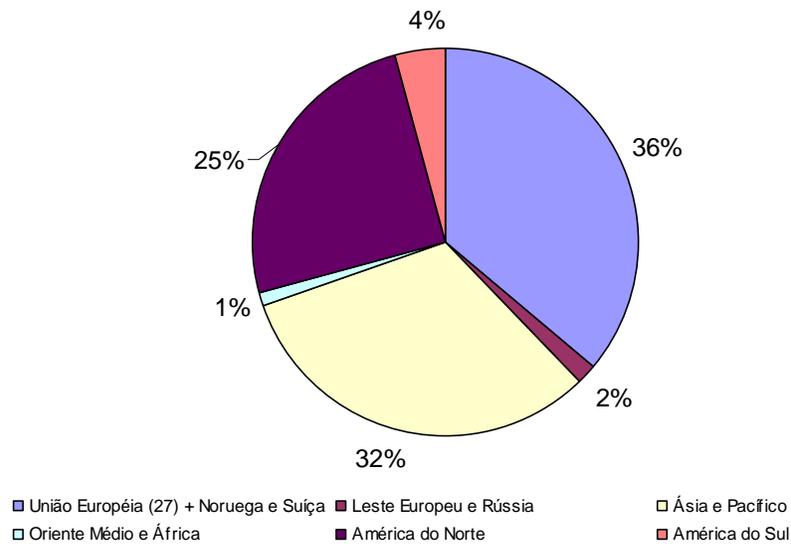
**GRÁFICO 2** – Produção Global de Móveis – US\$ Milhões

A União Européia é onde se encontram os maiores *clusters* moveleiros, sendo assim o maior exportador, importador e mercado consumidor para este bem. A Itália é o país referência para o mercado de móveis, sendo o país mais inovador em tecnologias e design.

Os Estados Unidos também possuem uma posição de destaque mundial como grande produtor e importador, sendo este segmento um dos mais tradicionais do país, tendo como referência o estado da Carolina do Norte como maior produtor.

A Ásia, principalmente a China, vem crescendo a cada ano a sua produção, tanto para atender à demanda interna de sua população, quanto para as exportações. Porém este país possui estratégias de custos de produção menores, o que pode estar causando a perda de mercado e competitividade de outros países.

A América do Sul é o 4º maior produtor de móveis, sendo o Brasil o país de maior destaque, com exportações em torno de US\$1 Bilhão, e também um grande consumidor, porém este é um setor tipicamente exportador, o qual colabora de forma significativa para o saldo positivo na balança comercial do país.

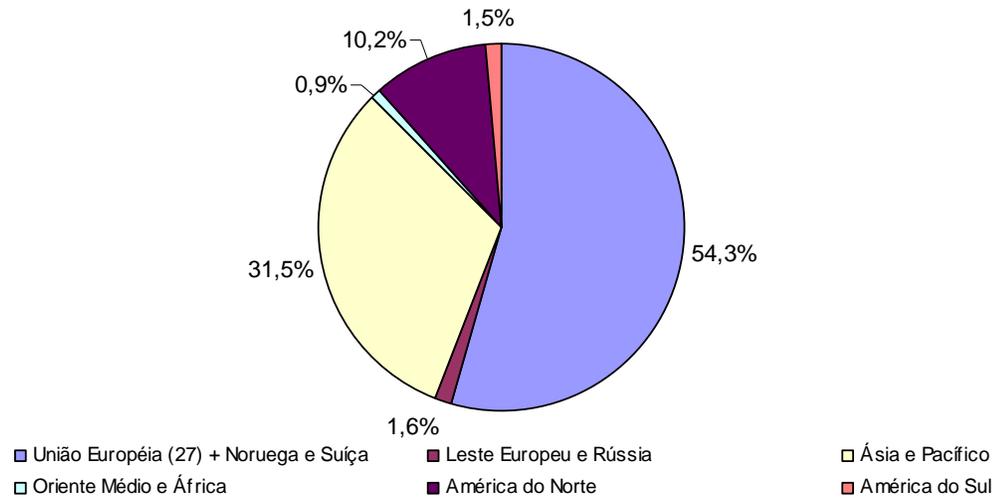


Fonte: IEMI

### GRÁFICO 3 – Principais Produtores de Móveis em Faturamento - 2007

No gráfico acima, podemos analisar como está distribuída a produção mundial de móveis, a liderança na produção é da União Europeia composta pelos 27 países e mais Noruega e Suíça com 36%, seguidos pela Ásia e Pacífico com 32%, os quais cresceram mais de 30% de 2006 para 2007 segundo dados do CSIL, e a América do Norte responde por 25% do total mundial. Sendo estas três regiões as mais importantes indústrias desde mercado.

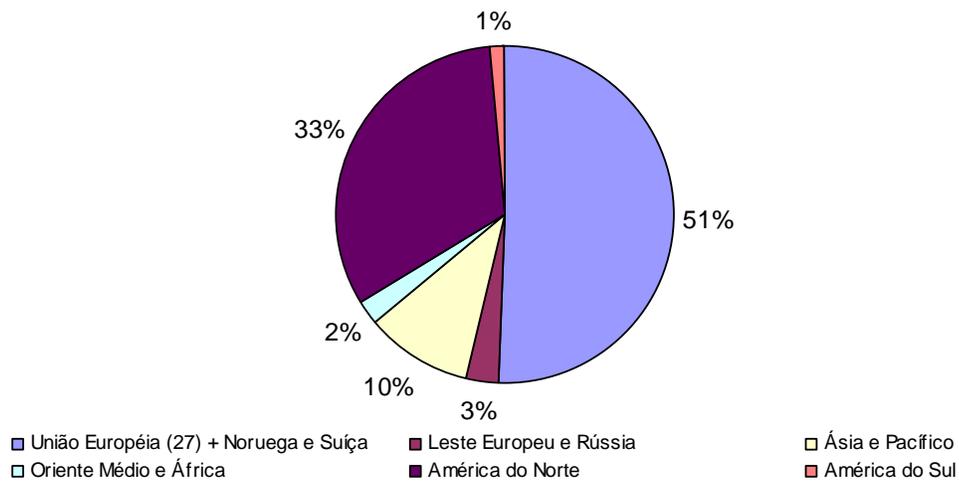
Já o panorama para as exportações é diferente do apresentado anteriormente. A União Europeia continua como líder, porém com participação ainda maior, de 54,3% com aumento de 12% em relação ao ano de 2006, a Ásia se consolida como segundo maior na indústria de móveis com 31,5% com crescimento de mais de 20% em relação ao ano anterior, e a América do Norte em terceiro lugar com apenas 10,2% das exportações mundiais e apresentando um crescimento menor do que a média geral, apenas 4%.



Fonte: IEMI

**GRÁFICO 4-** Principais Exportadores de Móveis - 2007

A União Europeia ainda é a maior região importadora destes bens com 51% do total, seguida pelos Estados Unidos e pela Ásia, o que caracteriza a última como uma região com características exportadoras.



Fonte: IEMI

**GRÁFICO 5 –** Principais Importadores de Móveis - 2007

## 9.2 - PANORAMA NACIONAL DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS

A indústria moveleira do Brasil é um setor importante para a economia pelo fato de empregar mais de 230 mil pessoas em 14,4 mil empresas localizadas em todas as regiões do país.

Cada vez mais o país vêm produzindo móveis, chegando a 374,4 milhões de peças em 2007; comparando com o ano de 2005, temos um crescimento de 21% na produção física, o que torna o setor em destaque perante o crescimento médio do Brasil no mesmo período.

No mesmo período, vemos que os investimentos deram um salto de R\$330 milhões para R\$638,9 milhões, um aumento de mais de 90%, demonstrando a grande atratividade do setor.

<b>Grandes Números do Setor</b>	<b>2007</b>	<b>2006</b>	<b>2005</b>
Número de Indústrias	14,4 mil	14,9 mil	14,4 mil
Empregos	239,3 mil funcionários	233,7 mil	227,6 mil
Produção	374,4 milhões de peças	321 milhões	309 milhões
Vendas	R\$20,6 bilhões	R\$18,9 bilhões	R\$ 17 bilhões
Investimentos	R\$ 638,9 milhões	R\$593 milhões	R\$ 330 milhões

Fonte: IEMI

### QUADRO 4 – Grandes Números do Setor Moveleiro

As vendas têm apresentado crescimento constante, passando de R\$ 20 bilhões em 2007, um crescimento de mais de 20% no triênio 2005-2007. O que representa 1,4% do total do faturamento de toda a indústria de transformação brasileira.

Observa-se que, apesar do faturamento da indústria moveleira corresponder a 1,4% do total, a quantidade de empregos é 2,7%, caracterizando o setor como intensivo em mão de obra, sendo de grande relevância para as políticas macroeconômicas brasileiras.

<b>Faturamento</b>	<b>2007</b>	<b>2006</b>	<b>2005</b>
Faturamento Ind. Móveis	R\$ 20,6 bilhões	R\$18,9 bilhões	R\$ 17 bilhões
Faturamento Ind. Transformação*	R\$1.451,3 bilhões	R\$ 1.382,8 bilhões	R\$ 1.222,2 bilhões
Rel. Móveis/Ind. Transformação	1,4%	1,37%	1,4%
<b>Empregos</b>			
Pessoal ocupado na Ind. de Móveis	239,3 mil funcionários	233,7 mil	227,6 mil
Emprego Ind. Transformação*	9.027,7 mil funcionários	8.833,4 mil	6.251,4 mil
Participação %	2,7%	2,65%	3,6%

Fonte: IEMI

Nota: \*Não inclui indústria extrativa mineral e construção civil

### QUADRO 5 - Faturamento e Emprego na Indústria Moveleira

### 9.2.1 - Tipos de empresas

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, o setor estudado é caracterizado por microempresas (de acordo com a classificação do SEBRAE, até 19 empregados), onde quase 50% das empresas possuem de 1 a 4 empregados, sendo bem restrita a participação de grandes empresas perante o total, aproximadamente 800 apresentam mais de 50 empregados, e apenas 98 possuem mais de 250 empregados, segundo dados da RAIS.

A indústria é separada em segmentos distinguidos pelo tipo de móveis fabricados, estes são classificados em móveis de madeira, metal, estofados e outros.

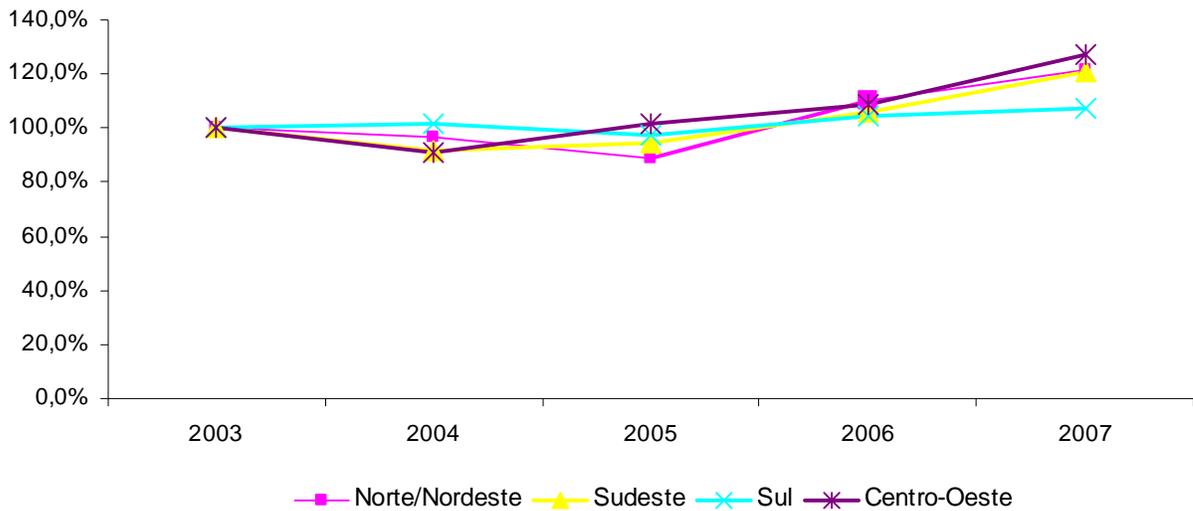
Pelo fato do Brasil ser um grande produtor de madeira tropical, compensado, MDF e outros derivados, as fábricas de móveis com esta matéria-prima correspondem a mais de 80% do total.

<b>Fabricantes</b>	<b>Brasil</b>	<b>Norte</b>	<b>Nordeste</b>	<b>Sudeste</b>	<b>Sul</b>	<b>Centro Oeste</b>
Móveis de Madeira	12.100	322	1.066	4.926	5.119	667
Móveis de Metal	1.181	19	192	524	391	55
Móveis Estofados	692	10	108	268	260	46
Outros Móveis	469	15	103	200	124	27
<b>Total</b>	<b>14.442</b>	<b>366</b>	<b>1.469</b>	<b>5.918</b>	<b>5.894</b>	<b>795</b>

Fonte: IEMI

### QUADRO 6 – Quantidade de Fabricantes de Móveis por Região brasileira

A produção está concentrada nas regiões sul e sudeste do país, e teve um crescimento de 17,4% no período de 2003-2007, porém houveram regiões com os mais diversos comportamentos na linha de tempo apresentada, estados do Norte e Nordeste nos anos de 2004 e 2005 diminuíram sua produção, porém em 2007 apresentaram o segundo maior crescimento, atrás somente do Centro-Oeste, porém em valores absolutos o impacto gerado pelas regiões Sul e Sudeste foram bem maiores para a evolução da produção.



Fonte: IEMI

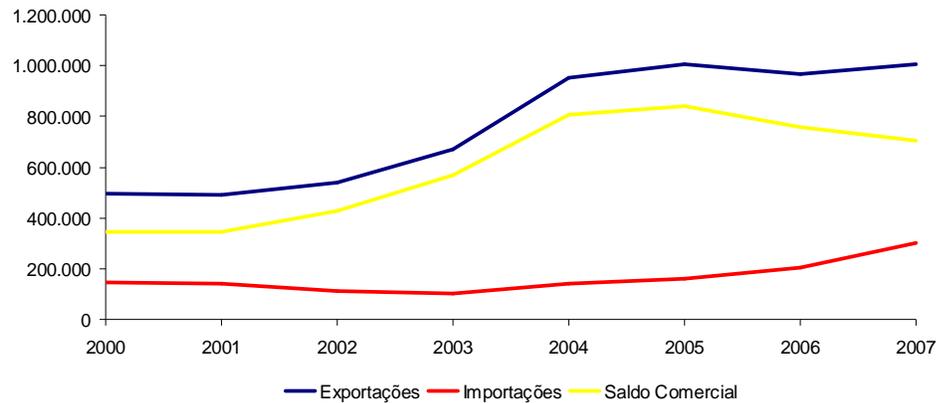
**GRÁFICO 6** - Evolução da produção segundo a localização das empresas (2003 = 100%)

### 9.3 -COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

O comércio exterior do país tem uma trajetória de crescimento ano após ano, desde o ano 2000 até o ano de 2007, exceto em 2006, onde tiveram uma queda, porém retornaram a um patamar ligeiramente superior a 2005 no ano seguinte. Neste período as exportações brasileiras mais do que dobraram, aumentando sua participação no mercado global.

As importações de móveis desde 2000 tiveram uma tendência de queda até o ano de 2004, a qual aumentou 40% em relação ao ano anterior e em 2007 quase triplicaram em relação ao mesmo ano, possivelmente devido ao câmbio, o qual apresentou uma valorização a partir desse ano.

Destacam-se os Estados Unidos, Alemanha e China como os principais exportadores para o mercado brasileiro, sendo que o último teve um crescimento bem acima da média, onde em 2003 representava somente 1,9% das importações brasileiras, em 2007 apresentou 12%, aumentando seis vezes mais o valor exportado para o Brasil.



Fonte: IEMI/Trademap

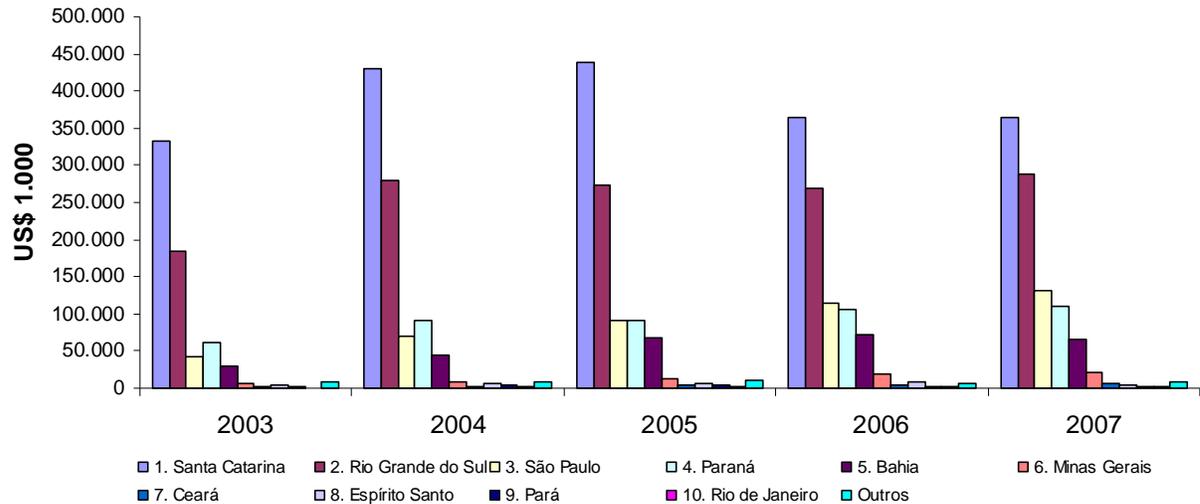
### GRÁFICO 7 – Comércio Exterior de Móveis do Brasil

O setor moveleiro é um grande colaborador para o superávit na balança comercial, por ser tipicamente exportador. Apesar da abertura econômica do país, cada vez maior, e da valorização do Real perante o Dólar, o país ainda mantém em torno de US\$ 700 milhões saldo positivo no comércio exterior no ano de 2007.

#### 9.3.1 - Principais Estados Exportadores

A região Sul é a mais competitiva no âmbito global, pois os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande de Sul respondem por 76% do total das exportações brasileiras de móveis no ano de 2007, porém as exportações de São Paulo vêm crescendo a cada ano, se consolidando como um grande exportador.

A região sudeste ainda tem representatividade com Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro entre os 10 principais estados exportadores. O Nordeste possui a Bahia como principal exportador, seguido pelo Ceará, já o Norte possui apenas o Pará entre os principais estados com vendas internacionais.



Fonte: IEMI

### GRÁFICO 8- Principais Estados Exportadores de Móveis

De acordo com a tabela abaixo, podemos analisar um outro ponto interessante na produção moveleira de acordo com as regiões do país.

Apesar do Centro-oeste ser a região que mais vem crescendo nos últimos anos, a sua representatividade para a exportação da indústria ainda é baixa, pois nenhum dos estados desta região está entre os principais exportadores de móveis.

A região Sul aparenta estar com um crescimento menor, pois já é uma indústria mais consolidada nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Porém vale ressaltar a evolução da região Sudeste, que pouco a pouco vem ganhando espaço, principalmente com o estado de São Paulo, que já figura entre os mais importantes exportadores do país.

#### Evolução da produção segundo a localização das empresas (2003 = 100%)

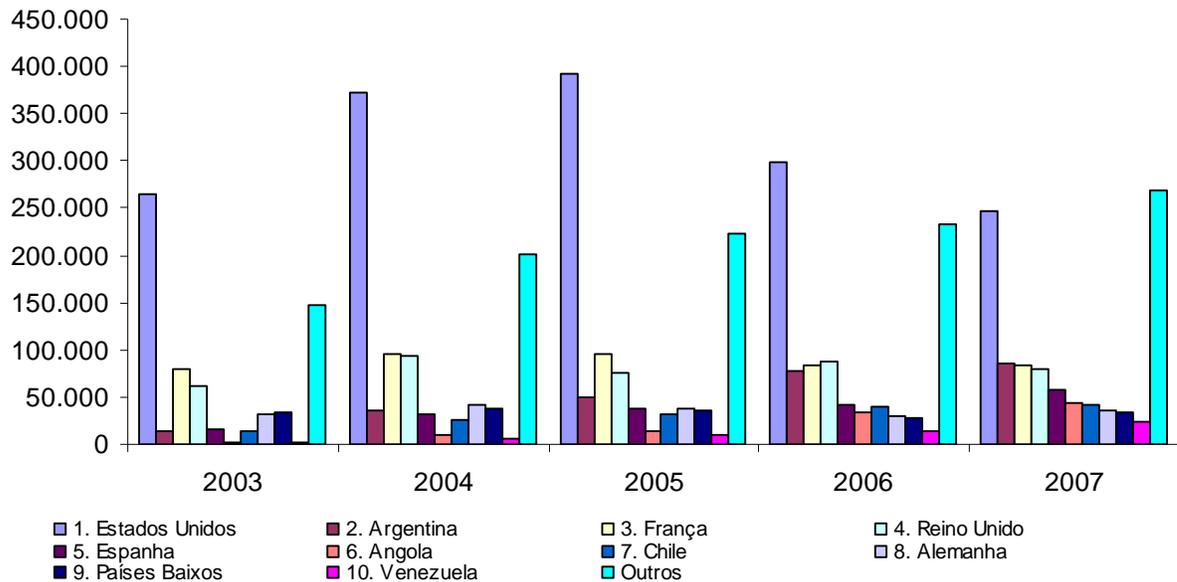
Localização das empresas	2003	2004	2005	2006	2007
Norte/Nordeste	100,0%	96,3%	88,7%	109,8%	121,3%
Sudeste	100,0%	91,7%	94,4%	106,1%	120,5%
Sul	100,0%	101,9%	97,3%	104,6%	107,4%
Centro-Oeste	100,0%	90,9%	101,5%	108,7%	127,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>102,8%</b>	<b>97,6%</b>	<b>108,4%</b>	<b>117,4%</b>

Fonte: IEMI

### QUADRO 7 – Evolução da produção segundo a localização de empresas

### 9.3.2 - Principais destinos das exportações brasileiras de móveis

O Brasil, cada vez mais, vem diversificando seu mercado de móveis. Segundo pesquisa do IEMI, os Estados Unidos vêm sendo o principal importador do país, sua participação já chegou em 39% em 2004 e 2005, porém sua representatividade está caindo há 3 anos, perdendo espaço para outros países, o que demonstra a constante busca por novos mercados onde o Brasil possa ser mais competitivo e ter maiores vantagens comparativas.



Fonte: IEMI

**GRÁFICO 9** – Principais destinos das exportações brasileiras de móveis (US\$ 1.000)

O segundo maior parceiro do Brasil é a Argentina, sua participação cresce a cada ano, no período de 2003-2007 as importações aumentaram em torno de 400% de móveis do Brasil, ressaltando a importância do parceiro de Mercosul e o espaço ganho pelo Brasil comparado com os demais exportadores de móveis.

Já a França, Reino Unido e Países Baixos, têm participações de certa forma estabilizadas, porém a Espanha tem uma crescente importação de móveis brasileiros, onde mais que dobrou em termos percentuais as exportações para este país, passando de 2,2% em 2003 para 5,8% em 2007.

Outro país que merece destaque é a Venezuela, o qual vem crescendo cada vez mais as suas importações de produtos brasileiros, passando de 0,4% em 2003 para 2,4% em 2007.

### 9.3.3 – Exportações brasileiras por tipo de móveis

Claramente podemos ver que o principal produto exportado nesta indústria em estudo, são os móveis de madeira. Em 2007, os mesmos representaram em torno de 70% do total das exportações em dólares, conforme o quadro abaixo.

<b>Exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000)</b>					
<b>Tipos de móveis</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Assentos	50.875	100.487	107.659	115.339	113.123
Estofados	58.911	89.155	104.545	99.385	91.577
Móveis de metal	12.588	15.094	17.770	18.150	29.030
Móveis de madeira	502.295	684.067	700.673	656.826	688.728
Móveis de plástico	2.159	3.330	3.739	3.659	4.698
Móveis de outras matérias	718	1.262	853	794	641
Partes de móveis	39.886	53.127	60.129	58.396	58.453
<b>Total</b>	<b>670.933</b>	<b>952.988</b>	<b>1.004.209</b>	<b>965.316</b>	<b>1.005.442</b>

Fonte: IEMI

### QUADRO 8 – Exportações brasileiras de móveis em US\$ 1.000

Pode-se ver que o Brasil possui vantagens na produção de móveis de madeira, que podem ser devido às florestas nativas e, principalmente, ao MDF vindo de reflorestamentos na Região Sul do país.

## 10 – DESEMPENHO COMPETITIVO DA INDÚSTRIA MOVELEIRA NACIONAL

Nesta parte irão ser demonstrados os índices de vantagens comparativas reveladas, contribuição ao saldo, posição relativa de mercado e de desempenho.

Através dessa análise será possível indicar se o país demonstra vantagens perante seus concorrentes e se sua participação está crescente ou se vem perdendo muito mercado, comparado a anos anteriores.

### 10.1- ANÁLISE DE COMPETITIVIDADE

O período em análise da indústria brasileira de móveis é o de 2001 a 2007, o mesmo aponta o cenário pós-abertura econômica brasileira com câmbio flutuante. Abaixo segue a tabela com os índices calculados para medir a competitividade do Brasil na fabricação de móveis, tendo como parceiro comercial o Mundo.

Índices	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
VCRS	-0,06	-0,03	-0,01	0,04	-0,01	-0,08	-0,15
POS	0,29	0,34	0,38	0,47	0,44	0,37	0,29
CS	-1,45	-1,35	-1,25	-1,17	-1,09	-1,11	-1,12
DES		80788	275431	746506	871073	819307	899130

Fonte: Ipeadata/MDIC/Secex/EMI/Trademap/OMC - Dados trabalhados pelo autor

### QUADRO 9 – Análise de Competitividade da indústria moveleira de 2001-2007

O índice de vantagens comparativas reveladas aponta que a indústria moveleira do Brasil no período analisado possui desvantagens comparativas. Através da análise deste indicador, vemos que de 2001 a 2004 o país vem melhorando a sua competitividade, o que condiz com o aumento de mais de 100% nas exportações para o mesmo período, porém nos anos seguintes, observa-se que o país fica menos competitivo, apesar de um aumento das exportações de 2004 para 2005, em 2006 as exportações brasileiras voltam ao mesmo patamar de dois anos atrás, e no ano seguinte, 2007, tem o seu pior índice, mas o nível de exportações tem uma leve melhora, voltando ao patamar de 2004-2005.

O índice POS, o qual analisa a contribuição para o saldo comercial do país, e se há ou não vantagens comparativas. Segundo este indicador, o setor moveleiro contribui positivamente para o saldo superavitário, e aponta uma pequena competitividade do setor no mercado global, vale ressaltar que o índice POS tem a mesma oscilação do VCRS, tendo como melhor desempenho o ano de 2004, com tendência de crescimento até esse ano, e queda nos anos seguintes.

Já o indicador CS, que aponta se o país possui ou não vantagens em relação aos demais, além de demonstrar que um país com abundância de determinado insumo, tende a apresentar desempenho mais competitivo no setor que o emprega.

Porém observa-se que o Brasil, apesar de ter mão-de-obra abundante e o setor moveleiro ser intensivo no mesmo insumo, o país não demonstra vantagens comparativas em nenhum dos anos estudados, tendo uma leve tendência a melhoria do indicador nos primeiros anos, porém após 2005, há uma tendência de queda.

Por fim, analisou-se o índice DES, que aponta a melhoria do desempenho das exportações brasileiras de móveis, este está indicando a grande evolução das mesmas, apesar de uma ligeira oscilação negativa nos últimos anos.

Um outro panorama foi analisado, o dos *clusters* moveleiros do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os dois maiores pólos industriais do segmento no país. Pode-se ver através do

índice VCRS calculado para os mesmos, uma realidade distinta quando comparada com os números para o Brasil. Como podemos ver anteriormente, os *clusters* são ambientes mais competitivos, os quais são responsáveis pela grande força exportadora de um país, por possuírem de fato, as vantagens comparativas.

VCRS					
Cluster	2.003	2.004	2.005	2.006	2.007
Rio Grande do Sul	0,42	0,51	0,50	0,47	0,40
Santa Catarina	0,78	0,79	0,77	0,73	0,67

Fonte: Ipeadata/MDIC/Secex/IEMI/Trademap/OMC - Dados trabalhados pelo autor

**QUADRO 10** – Análise das vantagens comparativas dos clusters moveleiros do país no período de 2003 - 2007

Observa-se que tanto Santa Catarina, quanto o Rio Grande do Sul, possuem grandes vantagens comparativas reveladas a nível nacional, o que torna a indústria bastante competitiva e demonstra uma estruturação do cluster em ambas as regiões, com alto desempenho exportador a nível Brasil.

Porém estas vantagens estão com uma tendência negativa desde 2004, indo de encontro com o ambiente encontrado no panorama Brasil.

A seguir vemos que os Estados que não possuem *clusters* moveleiros bem definidos ou são Estados não exportadores, tem vantagens comparativas reveladas negativas.

Desde 2003 observa-se que as vantagens comparativas reveladas simétricas estão cada vez menores, e em 2007, apesar do ano de 2004 ter havido uma discreta melhora, os patamares de competitividade estão inferiores do ano base.

VCRS - Estados que não possuem Cluster Moveleiro					
	2.003	2.004	2.005	2.006	2.007
Pará	-0,8546	-0,7894	-0,8467	-0,9150	-0,9207
São Paulo	-0,9997	-0,9995	-0,9995	-0,9994	-0,9994
Paraná	-0,9980	-0,9978	-0,9979	-0,9975	-0,9980
Bahia	-0,9980	-0,9974	-0,9972	-0,9974	-0,9978
Minas Gerais	-0,9998	-0,9998	-0,9998	-0,9997	-0,9997
Ceará	-0,9993	-0,9992	-0,9989	-0,9991	-0,9987
Espírito Santo	-0,9998	-0,9997	-0,9997	-0,9997	-0,9999

Fonte: Ipeadata/MDIC/Secex/IEMI/Trademap/OMC - Dados trabalhados pelo autor

**QUADRO 11** – VCRS dos Estados que não possuem Cluster Moveleiro

## 10.2-IMPORTÂNCIA DOS *CLUSTERS* NA COMPETITIVIDADE SETORIAL

Como podemos ver nas tabelas e gráficos mostrados anteriormente, a indústria moveleira do Brasil não demonstra vantagens comparativas reveladas quando analisamos o país de forma agregada.

Isso se deve muito aos fatores competitivos que se discutiu no segundo capítulo deste estudo, onde analisou-se a conjuntura da indústria, modelos de produção, entraves, matérias-primas, organização, entre outros fatores.

A deficiência de pontos determinantes como: a tecnologia, heterogeneidade do parque de máquinas, o qual possui maquinário defasado, devido também às próprias características de linhas descontinuadas de produção, puxou a competitividade para baixo.

Fatores externos à indústria também colaboraram para esta realidade. Pelo fato da indústria de móveis ser pouco representativa para muitos estados, muitas vezes é deixada de lado questões como uma infra-estrutura específica para o setor que facilite a instalação de empresas e escoação de sua produção para outros países.

Pôde-se observar que o setor moveleiro do país possui um baixo investimento em design, ou seja, não busca a diferenciação do seu produto, apenas se detém a copiar modelos e padrões vindos do exterior, tornando o seu produto totalmente comparável a um similar de qualquer país que tenha uma economia de escala com custos bem menores de produção que o Brasil. Assim, vemos também que o Brasil sofre bastante com a concorrência global por não possuir liderança em custos, devido a um conjunto grande de fatores que englobam, desde maquinário, design, investimento em conhecimento, até a mão-de-obra especializada.

Portanto, o Brasil figura em um mercado de móveis de nicho intermediário, o qual é bastante sensível ao preço e exige um padrão de qualidade superior, pois se trata de um produto facilmente replicável e atinge consumidores que ainda não podem ou não estão dispostos a pagar por um bem diferenciado, como produtos certificados, e desejam consumir produtos de qualidade, pois não consomem móveis de baixo custo e acabamento inferior.

Apesar de o Brasil como um todo ser um ambiente pouco favorável para a competitividade das exportações da indústria moveleira, com este estudo, pudemos concluir que os *clusters* são um arranjo produtivo muito interessante no ponto de vista da criação de um ambiente competitivo, pois os estados de SC e RS, possuem os melhores índices de vantagens

comparativas reveladas, e não é por coincidência que os maiores *clusters* do setor estejam localizados nesta região.

Como foi observada no capítulo anterior, a estrutura criada pela aglomeração com o passar do tempo permitiu que a indústria moveleira se desenvolvesse de forma bastante sólida e com a criação de conhecimento e tecnologia na área.

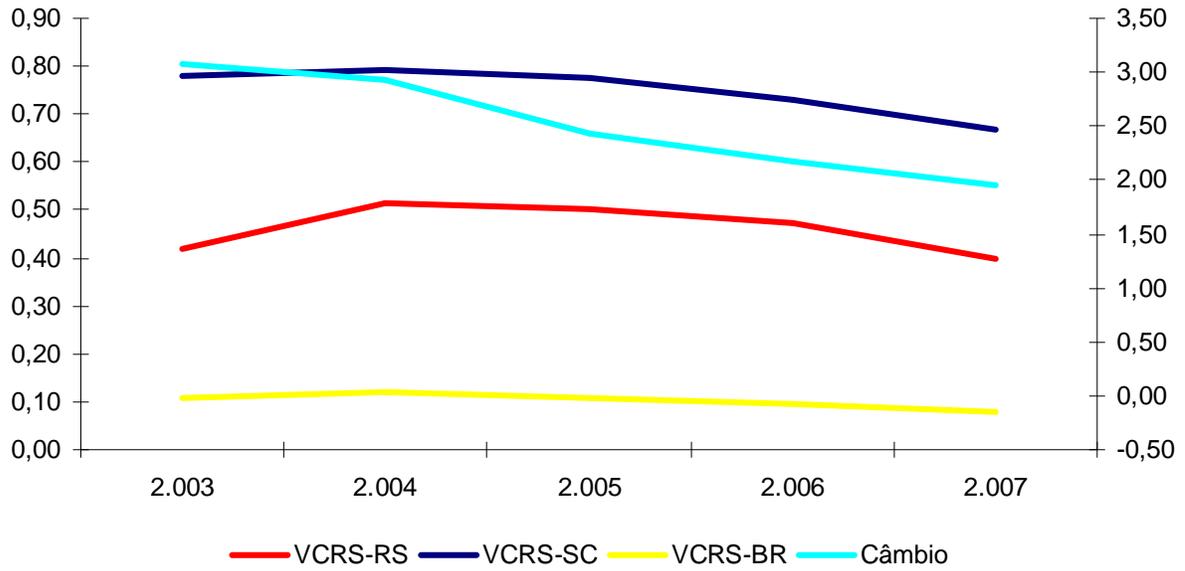
As indústrias complementares, a proximidades dos fornecedores, universidades e centro de treinamentos voltados para o setor de móveis, o desenvolvimento de mão-de-obra qualificada, permitiram a consolidação do setor como um dos mais importantes para seus estados, e permitiu assim, criar um ambiente de competitividade a nível global, de acordo com o seu nicho de mercado.

Sendo assim, o Brasil deve muito de sua participação no mercado externo de móveis estruturas como os *clusters* moveleiros, os quais permitiram um desempenho superior a uma indústria que possivelmente no país, não teria o mesmo sucesso sem esse tipo de organização empresarial, que foi criada tanto pela iniciativa privada, quando ao poder público e instituições de classe e ensino.

### 10.3-A COMPETITIVIDADE E A QUESTÃO CAMBIAL

Um ponto a ser observado, o qual é um dos mais apontados por empresários do setor, é o câmbio. Como podemos ver, quando o mesmo se valoriza, as exportações brasileiras neste setor, tornam-se menos competitivas. Apesar de não haverem grandes perdas em termos de exportações absolutas, o Brasil não cresceu como o mercado mundial, a partir do ano de 2004, havendo até uma queda nas exportações.

Portanto, superficialmente, julga-se importante o fator cambial para explicar, em parte, a perda de vantagens comparativas na indústria de móveis, porém esta afirmação cabe para um outro estudo mais aprofundado na questão.



Fonte: Ipeadata/MDIC/Secex/IEMI/Trademap/OMC - Dados trabalhados pelo autor

**GRÁFICO 10** – Câmbio e VCRS do Brasil e *Clusters* de RS e SC

## 11-CONCLUSÃO

A indústria moveleira do Brasil tem grande importância por produzir um produto com valor agregado, sendo uma alternativa para a exportação de bens primários como a madeira. Além disso, emprega um grande contingente de trabalhadores, pois é uma atividade intensiva em mão-de-obra bastante relevante para a indústria de transformação.

Apesar de ser um setor tradicional da economia brasileira, consolidado há mais de três décadas, ainda possui uma grande heterogeneidade na forma de produção, onde empresas de grande porte, com alta capacidade produtiva e tecnológica, disputam o mesmo mercado com pequenas oficinas com trabalho praticamente artesanal. Esta realidade causa um impacto negativo para as grandes empresas do setor, pois as fábricas menores ou oficinas, muitas vezes, copiam o *design* dos seus produtos e os vendem a preços significativamente mais baixos no mercado interno, o que acaba levando a grande empresa a se especializar em produtos para o mercado externo, sendo mais suscetível a crises e concorrência internacionais e não poderem direcionar grande parte de seus produtos para o mercado interno.

Conforme foi apresentado, viu-se que o Brasil como um todo, não demonstra vantagens comparativas reveladas neste segmento. Porém o mesmo possui um bom patamar de exportações de móveis devido à estrutura criada pelos *clusters*, quando comparamos com a América Latina.

Os *clusters* têm origem na imigração, principalmente italiana, no século XIX, onde inicialmente construíram as primeiras oficinas para fabricação de móveis para as necessidades locais, e com o passar dos anos viram que era uma boa alternativa para gerar emprego e renda, pois as demais atividades da época entraram em crise de produção ou qualidade.

Esta aglomeração de empresas do setor permitiu ao Brasil ter uma posição competitiva mundialmente, pois a indústria passou a estar em um ambiente propício para o desenvolvimento, onde Universidades, Centros Tecnológicos, uma cadeia de fornecedores, e entidades de apoio ao setor moveleiro, colaboram para um círculo virtuoso em toda a cadeia.

Com vantagens comparativas reveladas comprovadamente superiores às demais regiões produtoras de móveis, observou-se que os *clusters* são uma ambiente eficaz para tornar uma atividade mundialmente competitiva. Outro ponto importante é que esses arranjos produtivos levam a uma maior competitividade entre as empresas instaladas, fazendo com que renovem seu parque de máquinas, invistam mais em inovação e capital humano.

Apesar de toda esta infra-estrutura de apoio criada com o passar dos anos, pode-se observar que existem pontos críticos muito sensíveis na cadeia da indústria de móveis, principalmente quanto à sua capacidade inovadora, onde o país se limita a copiar o *design* da Itália por questões mercadológicas e principalmente de custos, o que não permite à indústria local buscar uma diferenciação maior do produto nesse aspecto.

Outro ponto crítico são as questões que dependem de incentivos governamentais em questões como uma infra-estrutura adequada para o escoamento da produção para o exterior, como portos modernos, estradas e rodovias, que poderiam diminuir custos logísticos. Esta realidade tem um grande impacto especialmente fora do eixo dos grandes *clusters*, como a Região Norte e Nordeste.

O fator cambial, apesar de ser um tema bastante enfatizado pelos empresários do setor como a grande causa de perda de competitividade da indústria, não foi um objetivo de estudo neste trabalho, mas somente uma indagação para trabalhos futuros que sejam complementares ao entendimento do comportamento da indústria moveleira. Pois o Brasil, com o Plano Real, não possui uma política clara de comércio exterior quanto à questão cambial. Portanto buscou-se trabalhar outros fatores que impactam na competitividade desta indústria, apesar do câmbio ser um fator determinante na formação de preços no mercado internacional.

## REFERÊNCIAS

- BALASSA, Bela. **Comparative advantage, trade policy and economic development**. New York: University Press, 1989.
- BERGSTRAND, Jeffrey H. **The Heckscher-Ohlin-Samuelson Model, The Linder Hypotesis and The Determinants of Bilateral Intra-Industry Trade**. The Economic Journal. V.100. pág. 216-229. 1990.
- ROSA, Et. al. BNDES. **O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar**. BNDES Setorial No. 25, Rio de Janeiro, 2007.
- BRADESCO. **Análise Setorial: Indústria de Móveis**. BRADESCO. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos, 2007.
- CEPII - Centre D'Etudes Prospectives et D'Infomations Internationales. **Comptes Harmonisés sur lês Echanges et l'Economie Mondiale – CHELEM**. Paris: CEPII, 2002. Disponível em <http://www.cepii.fr>.
- COELHO, Maritzel. R. F. BERGUER, Ricardo. **Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho**. Rev. FAE, Curitiba, v.7, n.1, p.51-65, jan./jun. 2004.
- DENK, Adelino. **Estudo Pólos Moveleiros 1: São Bento do sul (SC)**. São Paulo: Abimóvel, 2002.
- GARCIA, Renato. MOTTA, Flávia G. **Relatório Setorial Preliminar: móveis residenciais de madeira**. FINEP: Rio de Janeiro, n. 25, p. 65-106, mar. 2007.
- GORINI, Ana Paula. F. **A indústria de móveis do Brasil**. Alternativa, Curitiba, 2000.
- HIDALGO, Álvaro B. **Especialização e competitividade do mercado do Nordeste no mercado internacional**. Revista Econômica do Nordeste Vol. 29. Fortaleza, 1998.
- HOLLAND, Márcio. XAVIER, Clésio L. **Dinâmica e competitividade setorial das exportações brasileiras: uma análise de painel para o período recente**. Economia e Sociedade. Vol. 14. Campinas, 2005.
- HORTA, M. H. **Crescimento das exportações brasileiras na década de 70**. Pesquisa e planejamento econômico, Rio de Janeiro, v.13, n.12, p.507-547, ago. 1983.
- IEMI. Instituto de Estudos e Marketing Industrial. **Brasil Móveis 2006: Relatório setorial da indústria de móveis do Brasil**. São Paulo: IEMI, 2006.

\_\_\_\_\_. **Brasil Móveis 2007**: Relatório setorial da indústria de móveis do Brasil. São Paulo: IEMI, 2007.

\_\_\_\_\_. **Brasil Móveis 2008**: Relatório setorial da indústria de móveis do Brasil. São Paulo: IEMI, 2008.

IPT. Instituto de Pesquisas Tecnológicas. **Prospectiva tecnológica da cadeia produtiva de madeira e móveis**. São Paulo, 2002.

ITC. International Trade Centre. **Dados Mundiais de Comércio**. Conferência em Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas. UNCTAD. Disponível em: <http://www.intracen.org> .

KRUGMAN, Paul., OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional**: teoria e política. São Paulo: Makron Books, 2005.

LAFAY. G. **La mesure des avantages comparatifs reveles. Economie Prospective Internationale**. No. 41, 1990.

LAURSEN, Keld. **Revealed Comparative Advantage and the Alternatives as Measures of International Specialisation**. DRUID Working Paper No. 98-30. DRUID, 1998.

LOPES, Manuela. **O processo inovativo e o papel das instituições no Arranjo Produtivo de Móveis da Serra Gaúcha**. Universidade do Rio dos Sinos, 2008.

MAIA, Jaime de Mariz. **Economia Internacional e Comércio Exterior**. São Paulo: Atlas, 2006.

MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Dados Referentes ao Comércio Exterior Brasileiro**. Sistema Aliceweb. Disponível em <http://www.midc.gov.br>

MTE. Ministério do Trabalho e Emprego. **Dados Sobre Emprego**. Relação Anuais de Informações Sociais. RAIS. Disponível em <http://www.rais.gov.br>.

NASSIF, André. **Uma contribuição ao debate sobre a nova política industrial brasileira**. Rio de Janeiro: Texto para Discussão 101. Rio de Janeiro: BNDES, Setembro, 2003. 68p.

OLIVEIRA, Odete Maria. DAL RI, Arno. **Relações Internacionais: interdependência e sociedade global**. Ijuí: Unijuí, 2003.

PORTER, Michael. **Clusters and the new economics of competition**. Harvard Business Review. Vol. 76 Issue 6, p.77. Nov-Dec 98.

\_\_\_\_\_. **Estratégia Competitiva**: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

\_\_\_\_\_. **Vantagem competitiva:** criando e sustentando um desempenho superior. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

REDE APL PARANÁ. **Plano de desenvolvimento do arranjo produtivo local de móveis da região de Arapongas – Paraná.** Rede APL Paraná. 2006.

REMADE. Revista da Madeira. **Dados sobre o setor de mobiliário.** Disponível em <http://www.remade.com.br>. Acesso em 10 de outubro de 2009.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais.** São Paulo: Saraiva, 2005.

SANTOS, Ricardo B. N. Santos, Francivane T. P. SOUSA, Alexandre G. **Eficiência na indústria de móveis no Brasil:** o impacto da abertura comercial nos estados e regiões do Brasil. Rio Branco: SOBER, 2008.

SANTOS, R. M., PAMPLONA, T.; FERREIRA, M. J. B. **Design na Indústria Brasileira de Móveis.** Campinas, 1999.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Coleção Ubá Móveis de Minas.** Belo Horizonte: SEBRAE, 2004.

SOUZA, N. V. De. **Plantando Chaminés** – Projeto histórico e bibliográfico do parque Moveleiro de Arapongas. Arapongas, 1998.

VASCONCELLOS, Marco Antônio. PINHO, Diva Benevides [et al]. **Manual de Economia.** São Paulo: Saraiva, 2006.

ZACCARELLI, Sérgio B...[et al]. **Clusters e Redes de Negócios:** Uma nova visão para a Gestão dos Negócios. São Paulo: Atlas, 2008.

## APÊNDICE A

Regiões/principais países produtores	Produção 2007 (US\$milhões)	Consumo 2007 (US\$milhões)	Exportação 2007 (US\$milhões)	Importação 2007 (US\$milhões)	Exportação 2007 (%)	Importação 2007 (%)
<b>União Européia (27) + Noruega e Suíça</b>	<b>113.130</b>	<b>111.247</b>	<b>48.992</b>	<b>47.110</b>	<b>54,3%</b>	<b>50,6%</b>
União Européia (15)	93.606	98.278	34.577	39.250	38,3%	42,1%
U.E. - novos membros (12)	17.436	8.379	13.322	4.265	14,8%	4,6%
Nova União Européia (27)	111.042	106.657	47.899	43.515	53,1%	46,7%
Noruega e Suíça	2.088	4.590	1.093	3.595	1,2%	3,9%
<b>Leste Europeu e Rússia</b>	<b>5.307</b>	<b>6.750</b>	<b>1.446</b>	<b>2.889</b>	<b>1,6%</b>	<b>3,1%</b>
<b>Ásia e Pacífico</b>	<b>100.272</b>	<b>81.152</b>	<b>28.420</b>	<b>9.572</b>	<b>31,5%</b>	<b>10,3%</b>
China	53.750	37.287	17.059	596	18,9%	0,6%
Japão	12.289	15.424	575	3.710	0,6%	4,0%
Outros	34.233	28.441	10.786	5.266	12,0%	5,7%
<b>Oriente Médio e África</b>	<b>3.695</b>	<b>4.957</b>	<b>822</b>	<b>2.084</b>	<b>0,9%</b>	<b>2,2%</b>
<b>América do Norte</b>	<b>78.330</b>	<b>99.506</b>	<b>9.171</b>	<b>30.347</b>	<b>10,2%</b>	<b>32,6%</b>
Estados Unidos	65.006	87.238	3.202	25.434	3,5%	27,3%
Canadá	10.133	9.746	4.457	4.070	4,9%	4,4%
México	3.191	2.522	1.512	843	1,7%	0,9%
<b>América do Sul</b>	<b>13.142</b>	<b>12.958</b>	<b>1.359</b>	<b>1.175</b>	<b>1,5%</b>	<b>1,3%</b>
Brasil	10.566	9.863	986	283	1,1%	0,3%
Outros	2.576	3.095	373	892	0,4%	1,0%
<b>Total</b>	<b>313.876</b>	<b>316.570</b>	<b>90.210</b>	<b>93.177</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: Instituto de Estudos e Marketing Industrial - IEMI

### Exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000)

Tipo de móveis	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Assentos	74.138	78.512	41.351	50.875	100.487	107.659	115.339	113.123
Estofados	n/d	n/d	36.491	58.911	89.155	104.545	99.385	91.577
Móveis de metal	15.050	14.842	8.001	12.588	15.094	17.770	18.150	29.030
Móveis de madeira	372.084	354.165	410.746	502.295	684.067	700.673	656.826	688.728
Móveis de plástico	n/d	n/d	939	2.159	3.330	3.739	3.659	4.698
Móveis de outras matérias	2.355	2.482	743	718	1.262	853	794	641
Partes de móveis	23.916	33.339	37.062	39.886	53.127	60.129	58.396	58.453
<b>Total</b>	<b>487.543</b>	<b>483.340</b>	<b>535.333</b>	<b>667.432</b>	<b>946.522</b>	<b>995.368</b>	<b>952.549</b>	<b>986.250</b>

Fonte: IEMI/Trademap

### Principais estados exportadores

Estados	2003		2004		2005		2006		2007	
	US\$ 1.000	Partic. %	US\$ 1.000	Partic. %	US\$ 1.000	Partic. %	US\$ 1.000	Partic. %	US\$ 1.000	Partic. %
1. Santa Catarina	332.586	49,6%	430.262	45,3%	437.867	43,6%	364.917	37,8%	364.029	36,2%
2. Rio Grande do Sul	183.564	27,4%	278.826	29,3%	273.074	27,2%	269.386	27,9%	289.089	28,8%
3. São Paulo	42.695	6,4%	70.335	7,4%	91.998	9,2%	114.104	11,8%	131.429	13,1%
4. Paraná	60.577	9,0%	92.151	9,7%	92.068	9,2%	105.565	10,9%	111.081	11,0%
5. Bahia	28.930	4,3%	45.329	4,8%	68.275	6,8%	71.554	7,4%	65.592	6,5%
6. Minas Gerais	5.644	0,8%	9.217	1,0%	12.383	1,2%	18.337	1,9%	21.135	2,1%
7. Ceará	2.291	0,3%	3.064	0,3%	4.578	0,5%	3.665	0,4%	6.307	0,6%
8. Espírito Santo	3.394	0,5%	5.886	0,6%	6.433	0,6%	7.499	0,8%	4.174	0,4%
9. Pará	1.918	0,3%	3.911	0,4%	3.311	0,3%	2.375	0,2%	2.698	0,3%
10. Rio de Janeiro	n/d	n/d	2.748	0,3%	2.589	0,3%	1.873	0,2%	1.919	0,2%
<b>Subtotal</b>	<b>661.599</b>	<b>98,7%</b>	<b>941.729</b>	<b>99,1%</b>	<b>992.576</b>	<b>98,8%</b>	<b>959.275</b>	<b>99,4%</b>	<b>997.453</b>	<b>99,2%</b>
Outros	8.406	1,3%	8.981	0,9%	11.634	1,2%	6.041	0,6%	7.990	0,8%
<b>Total</b>	<b>670.005</b>	<b>100,0%</b>	<b>950.710</b>	<b>100,0%</b>	<b>1.004.210</b>	<b>100,0%</b>	<b>965.316</b>	<b>100,0%</b>	<b>1.005.443</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IEMI

## APÊNDICE B

### Destino das exportações brasileiras de móveis (em US\$ 1.000)

País	2003	(%)	2004	(%)	2005	(%)	2006	(%)	2007	(%)
1. Estados Unidos	265.121	39,6%	372.138	39,1%	391.779	39,0%	298.768	31,0%	247.766	24,6%
2. Argentina	14.606	2,2%	36.157	3,8%	50.674	5,0%	78.096	8,1%	86.600	8,6%
3. França	80.637	12,0%	94.854	10,0%	96.170	9,6%	83.480	8,6%	84.138	8,4%
4. Reino Unido	61.313	9,2%	92.759	9,8%	75.010	7,5%	86.642	9,0%	79.146	7,9%
5. Espanha	15.411	2,3%	31.612	3,3%	38.581	3,8%	41.727	4,3%	58.507	5,8%
6. Angola	2.978	0,4%	9.684	1,0%	13.818	1,4%	32.881	3,4%	44.431	4,4%
7. Chile	14.463	2,2%	25.848	2,7%	31.231	3,1%	40.807	4,2%	42.482	4,2%
8. Alemanha	31.453	4,7%	41.747	4,4%	38.462	3,8%	28.985	3,0%	36.771	3,7%
9. Países Baixos	33.292	5,0%	37.798	4,0%	35.688	3,6%	27.279	2,8%	33.367	3,3%
10. Venezuela	2.767	0,4%	6.251	0,7%	9.967	1,0%	14.123	1,5%	24.051	2,4%
<b>Subtotal</b>	<b>522.041</b>	<b>77,9%</b>	<b>748.848</b>	<b>78,8%</b>	<b>781.381</b>	<b>77,8%</b>	<b>732.789</b>	<b>75,9%</b>	<b>737.259</b>	<b>73,3%</b>
Outros	147.964	22,1%	201.862	21,2%	222.829	22,2%	232.527	24,1%	268.183	26,7%
<b>Total</b>	<b>670.005</b>	<b>100,0%</b>	<b>950.710</b>	<b>100,0%</b>	<b>1.004.209</b>	<b>100,0%</b>	<b>965.316</b>	<b>100,0%</b>	<b>1.005.442</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: IEMI

Máquinas instaladas	Distribuição das máquinas por faixa de idade				
	Total 2007	até 3 anos	4 a 10 anos	11 a 14 anos	mais de 15 anos
<b>Total</b>	<b>137.532</b>	<b>16,7%</b>	<b>67,9%</b>	<b>10,6%</b>	<b>4,8%</b>

Fonte: IEMI

### Produção por linha de móvel em peças (2003 = 100%)

Linha de móvel	2003	2004	2005	2006	2007
Móveis para escritórios	100,0%	103,2%	100,1%	106,0%	112,9%
Móveis para dormitórios	100,0%	101,8%	95,4%	92,9%	97,5%
Móveis para salas de jantar	100,0%	100,9%	92,8%	98,8%	115,7%
Móveis para salas de estar	100,0%	98,8%	91,4%	106,7%	124,9%
Móveis estofados	100,0%	100,7%	95,9%	115,0%	127,5%
Móveis modulados	100,0%	97,7%	90,2%	166,0%	184,1%
Outros móveis	100,0%	113,6%	115,2%	133,9%	141,9%
<b>Total %</b>	<b>100,0%</b>	<b>102,8%</b>	<b>97,6%</b>	<b>108,4%</b>	<b>117,4%</b>
<b>Total</b>	<b>287.759.885</b>	<b>295.745.000</b>	<b>280.957.750</b>	<b>312.003.576</b>	<b>337.962.272</b>

Fonte: IEMI

### Evolução da produção segundo a localização das empresas (2003 = 100%)

Localização das empresas	2003	2004	2005	2006	2007
Norte/Nordeste	100,0%	96,3%	88,7%	109,8%	121,3%
Sudeste	100,0%	91,7%	94,4%	106,1%	120,5%
Sul	100,0%	101,9%	97,3%	104,6%	107,4%
Centro-Oeste	100,0%	90,9%	101,5%	108,7%	127,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>102,8%</b>	<b>97,6%</b>	<b>108,4%</b>	<b>117,4%</b>

Fonte: IEMI

### Fabricantes por tipo de Móveis

Fabricantes	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste
Móveis de Madeira	12.100	322	1.066	4.926	5.119	667
Móveis de Metal	1.181	19	192	524	391	55
Móveis Estofados	692	10	108	268	260	46
Outros Móveis	469	15	103	200	124	27
<b>Total</b>	<b>14.442</b>	<b>366</b>	<b>1.469</b>	<b>5.918</b>	<b>5.894</b>	<b>795</b>

Fonte: IEMI